



CRB

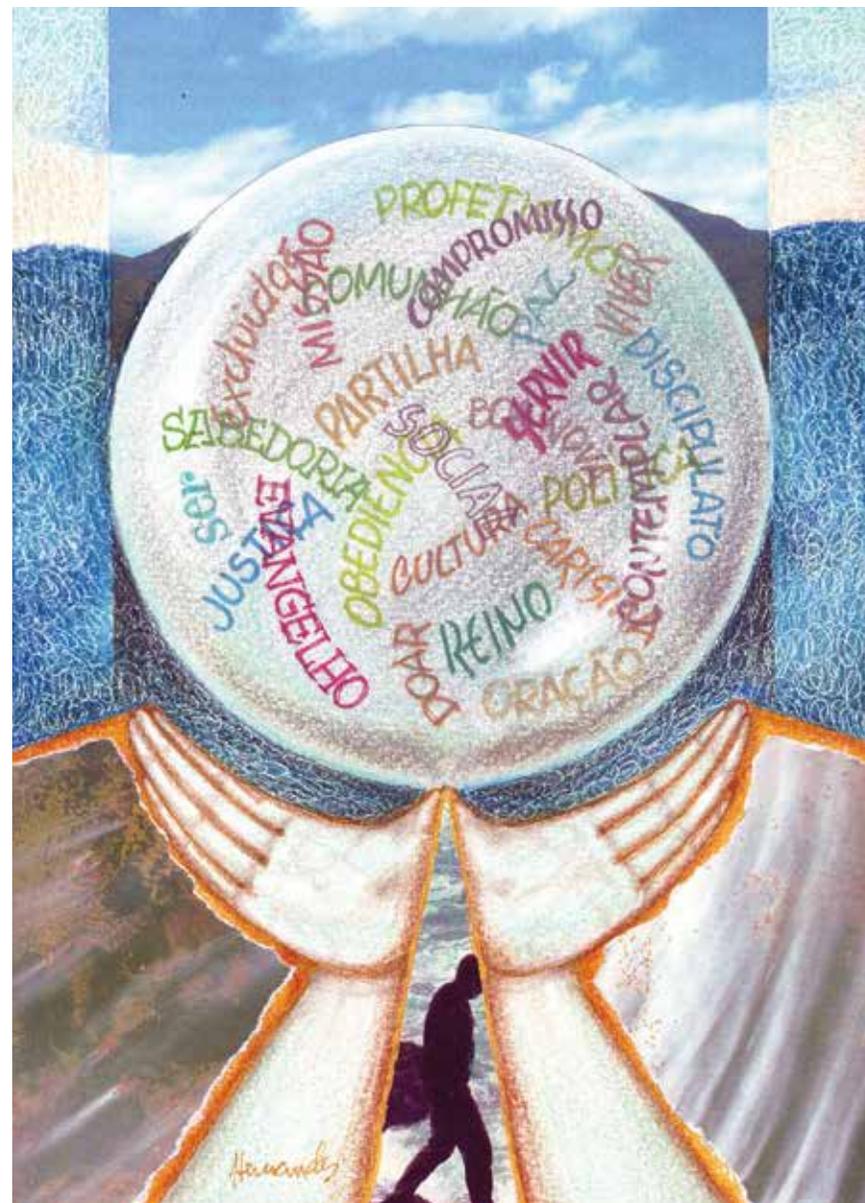
Quadro Programático da CRB 2010-2013

HORIZONTE

Em meio aos grandes desafios do mundo complexo e plural, da realidade da Igreja e da Vida Religiosa Consagrada, a Palavra de Deus nos impulsiona a avançar com os “olhos fixos em Jesus” (Hb 12,1-3), movidos/as pelo Espírito que o consagrou e enviou a anunciar a Boa-Nova (Lc 4,18). Provocados/as por uma nuvem de testemunhas (Hb 12,1), reafirmamos nossa identidade místico-profética e reavivamos a paixão pelo Reino, defendendo e promovendo a vida, assumindo a causa dos empobrecidos e construindo relações humanas, fraternas e solidárias.

PRIORIDADES

1. Redescobrir o sentido profundo da VRC, revitalizando a paixão por Jesus e seu Reino mediante a escuta da Palavra de Deus, a oração encarnada, a contemplação sapiencial da realidade, o compromisso discipular-missionário, a convivência como irmãos e irmãs e a comunhão com toda a criação.
2. Avivar a dimensão profético-missionária da VRC, atuando nas novas periferias e fronteiras, intensificando a opção pelos empobrecidos, e fortalecendo o compromisso com as grandes causas sociais, econômicas, políticas e ambientais.
3. Qualificar as relações na VRC e em seu espaço de inserção, em diálogo com as diferenças pessoais, culturais, étnicas, religiosas, geracionais e de gênero.
4. Ampliar o diálogo com as novas gerações em seus anseios e inquietações, e buscar novas metodologias para a animação vocacional.
5. Aprofundar o conhecimento da realidade juvenil e intensificar a presença e ação junto às juventudes.
6. Buscar maior leveza e agilidade institucional da VRC e ampliar as fronteiras congregacionais por meio da intercongregacionalidade, da partilha do carisma com outras pessoas e grupos de redes e parcerias.



- Entrevista com Dom João Braz de Aviz
- Vida Religiosa Consagrada e espiritualidade litúrgica
- Espiritualidade e teologia do Sagrado Coração de Jesus: uma leitura atualizada
- *Laborem Exercens*: 30 anos

JUNHO 2011 • XLVI • nº 442

CONVERGÊNCIA

Sumário

Editorial

No Coração de Cristo..... 241

Informes

Mensagem final à Vida Religiosa Consagrada na América Latina – CLAR..... 244

Centro de Renovação Espiritual – CERNE

A serviço da Vida Religiosa Consagrada no Brasil..... 248

Entrevista

Dom João Braz de Aviz, prefeito da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica..... 251

Arte e Cultura

Filmes que recomendamos

PLUTARCO ALMEIDA.....258

Artigos

Vida Religiosa Consagrada e espiritualidade litúrgica

LISANEOS PRATES.....261

Espiritualidade e teologia do Sagrado Coração de Jesus: uma leitura atualizada

EILEEN FITZGERALD..... 280

Laborem Exercens (O trabalho): 30 anos

BERNARD LESTIENNE..... 298



CONVERGÊNCIA

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB
ISSN 0010-8162

DIRETORA RESPONSÁVEL

Ir. Márian Ambrosio, dp

REDATOR RESPONSÁVEL

Pe. Plutarco Almeida, sj
MTb 2122

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO

Coordenadora:

Ir. Vera Ivanise Bombonato, fsp

Conselho editorial:

Ir. Helena Teresinha Rech, sst
Ir. Maria Freire, icm
Pe. Cleto Caliman, sdb
Pe. Jaldemir Vitório, sj
Pe. Roberto Duarte Rosalino, cmf

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

SDS, Bloco H, n. 26, sala 507

Ed. Venâncio II

70393-900 - Brasília - DF

Tels.: (61) 3226-5540

Fax: (61) 3225-3409

E-mail: crb@crbnacional.org.br

www.crbnacional.org.br

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do PDF sob o n. P. 209/73

Projeto gráfico:

Manuel Rebelato Miramontes

Revisão:

Cirano Dias Pelin e Sandra Sinzato

Impressão:

Gráfica de Paulinas Editora

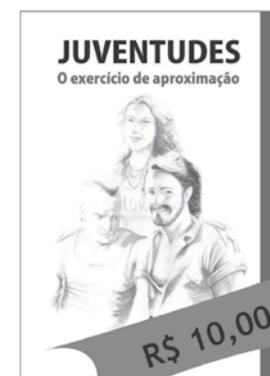
Os artigos assinados são de responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Assinatura anual para 2011: Brasil: R\$ 84,00
Exterior: US\$ 84,00 ou correspondente em R\$ (reais)
Números avulsos: R\$ 8,40 ou US\$ 8,40



CRB

LANÇAMENTOS 2011 – CRB NACIONAL



R\$ 10,00

JUVENTUDES
O exercício de aproximação



R\$ 10,00

QUE NOSSOS OLHOS SE ABRAM!
Uma leitura de Mateus



R\$ 10,00

CICLO DE RETIROS DA CLAR 1
Escuta

Pedidos pelo e-mail: publicacoes@crbnacional.org.br

Confira no nosso site www.crbnacional.org.br
outras publicações da CRB Nacional

Sempre “de olhos fixos em Jesus”, com alegria saudamos vocês, irmãs e irmãos, leitores assíduos da revista *Convergência*. Estamos quase chegando ao término do primeiro semestre e já podemos dizer que a nossa revista conseguiu manter a maior parte dos seus assinantes, além de adquirir novas adesões.

A verdade é que, a cada ano que passa, as Congregações, Ordens e Institutos de VRC estão diminuindo o número de Comunidades com o objetivo de racionalizar/dinamizar mais os trabalhos pastorais, economizando os seus já poucos recursos humanos e materiais. Nesta dinâmica, muitos arranjos são feitos para não descuidar da missão e/ou assumir outras mais sintonizadas com os apelos que a Igreja nos faz enquanto religiosas e religiosos.

É certo, então, que a *Convergência*, de algum modo, sofre também as consequências desse novo fenômeno, mas em geral a revista, em 2011, mantém a sua firmeza e continua sendo a publicação preferida da VRC no Brasil, e com boa aceitação em outros países também. Aliás, um dos nossos projetos para o triênio 2010-2013 é justamente ampliar a veiculação da revista para os demais países de língua portuguesa.

Abrimos a revista deste mês com uma entrevista exclusiva de Dom João Braz de Aviz, o novo Prefeito da Sagrada Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica. Dom João concedeu a entrevista ao editor de *Convergência* antes de se transferir para Roma, durante cordial e fraterna visita feita à sede da CRB

Nacional em Brasília, onde foi recebido pela nossa presidente, Irmã Márian, assessores executivos e funcionários da casa. A matéria revela a simplicidade, a firmeza do pastor e também o seu grande amor para com a VRC.

O texto do Dr. Frei Lisaneos, “Vida Religiosa Consagrada e espiritualidade litúrgica”, abre o nosso bloco de artigos apresentando uma oportuna reflexão sobre a importância da celebração eucarística em nossa vida de consagradas e consagrados. Segundo ele,

o significado da Vida Religiosa Consagrada passa necessariamente por uma experiência de Deus através da espiritualidade litúrgica que tipifica o paradigma da páscoa de Jesus Cristo. E quando falamos de VRC estamos falando da experiência pessoal-comunitária que se dá na pessoa de cada religioso(a) que optou por esta vocação-missão na Igreja e no mundo. [...] O(a) religioso(a) é alguém que assumiu um caminho espiritual que deve traduzir o seu compromisso com a vida de Jesus Cristo expressada nos seus gestos e palavras sempre a serviço da vida, sobretudo dos pobres, empobrecidos e excluídos, escolhidos por ele para serem o alvo preferencial de sua missão.

Esse artigo certamente vai ajudar as nossas Comunidades a aprofundar o estudo da liturgia na sua íntima relação com a Vida Religiosa.

O mês de junho é tradicionalmente dedicado ao Coração de Jesus. Por este motivo, trazemos o artigo com a excelente reflexão da Irmã Eillen FitzGerald, teóloga e professora titular da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Boliviana, “Espiritualidade e teologia do Sagrado Coração de Jesus: uma leitura atualizada”. Não temos dúvida de que essa espiritualidade tão cara ao nosso povo e também a muitas Famílias religiosas, tanto masculinas como femininas, precisa ser revisitada, revigorada enfim. O enfoque dado pela autora é muito atual, e poderá ajudar as nossas Comunidades, de maneira especial aquelas Congregações e Institutos que têm como base essa maravilhosa espiritualidade, a atualizar e, assim, dinamizar também o seu *carisma*.

Finalmente, trazemos o artigo do Padre Bernardo Les-tienne, sociólogo dos mais conhecidos no Brasil pelo seu trabalho no Instituto Brasileiro de Desenvolvimento (Ibra-des), primeiro no Rio de Janeiro e agora em Brasília, “*La-borem Exercens (O trabalho): 30 anos*”. Trata-se de uma ma-téria muito importante porque, afinal, a VRC é chamada a assumir sempre com mais vigor a realidade do mundo do trabalho, inserindo-se e “atuando nas novas periferias e fronteiras, intensificando a opção pelos empobrecidos, e fortalecendo o compromisso com as grandes causas sociais, econômicas, políticas e ambientais”, como afirma a priori-dade n. 2 da CRB Nacional para este triênio.

A *Convergência* de junho traz também a Mensagem da Jun-ta Diretiva da Conferência Latino-Americana e Caribenha dos Religiosos (CLAR), cuja reunião aconteceu na cidade de Porto Príncipe, capital do Haiti, no último mês de abril.

Colocamos, portanto, esta revista no Coração de Cristo e nas mãos generosas de cada um(a) de vocês!

Boa leitura!

Bom proveito!

PADRE PLUTARCO ALMEIDA, SJ

Mensagem final à Vida Religiosa Consagrada na América Latina – CLAR

CONFEDERAÇÃO LATINO-AMERICANA E CARIBENHA DE RELIGIOSAS
E RELIGIOSOS (CLAR) JUNTA DIRETIVA 2011

*“Uma Vida Consagrada nova é possível:
encarnação viva da mística, da profecia e da esperança
a serviço da vida ameaçada,
em sintonia com a criação,
com um estilo de vida mais simples,
mais significativo e evangélico...”*

(Convicções da CLAR – Plano Global 2009-2012)

1. Entre elas/éles, dois celebrantes de nossa Eucaristia: Dom Louis Kébreau (Presidente da Conferência Episcopal do Haiti), Dom Guire Poulard (Arcebispo de Porto Príncipe). Padre Alexis Rodríguez (Secretário Executivo DEVYM-Celam), Irmã Margarita Bufarull, rscj (Vice-presidente Confer-Espanha), Irmã Patricia Farrell, osf (Presidente da Conferência das Religiosas dos Estados Unidos).

2. Centro de Formação Intercongregacional (Conferência Haitiana de Religiosos [CHR]).

Convocadas(os) para a XLI Junta Diretiva, as(os) Presidentes ou Delegadas(os) de 21 Conferências, os membros da Presidência e algumas(uns) convidadas(os),¹ reunimo-nos de 9 a 12 de abril em Porto Príncipe, lugar escolhido pela Junta anterior (Brasília, março de 2010), depois do desolador terremoto, e em solidariedade com o povo e a Vida Religiosa haitiana, a partir do lema da CLAR “escutemos a Deus onde a vida clama”.

Durante todo o encontro, buscamos concretizar as atitudes que sustentam o Horizonte Inspirador da CLAR, neste lugar teológico que é o Haiti. A imersão nesta realidade concreta e a ESCUTA de suas vozes tornou-se a grande porta de entrada e a metodologia que vivemos, para entender e DISCERNIR os caminhos que deve percorrer a CLAR para responder ao clamor pela vida. Foi uma escuta respeitosa e atenta da complexa realidade haitiana. Escutamos a voz da Igreja nas pessoas do Núncio Apostólico Dom Bernardito Aúza e do Padre William Smarth, Diretor do CIFOR;² a voz da Vida Religiosa presente no Haiti,

durante as diversas experiências que visitamos; a conjuntura exposta por Irmã Matilde Moreno, rscj; e a convivência com grande número de Religiosas e Religiosos que celebraram conosco a Eucaristia e a Esperança.

Escutamos a voz silenciosa de toneladas de cimento e pedra que se multiplicam por todos os espaços da cidade e do interior. Escutamos o clamor angustiado de um povo com a ferida aberta por 300 mil mortos, um milhão e meio de pessoas sem teto, 200 mil feridos e mutilados, outros milhares de mortos pela epidemia da cólera, e tantos outros que lutam por sobreviver em uma nação marcada pela dependência, pela instabilidade política e pela ausência de um Estado responsável e organizado. Percebemos, como murmúrio suave, o enorme empenho de muitos irmãos e de tantas Organizações, pois de vários lugares do mundo as pessoas aqui se congregaram. Merecem destaque as comunidades intercongregacionais enviadas pelas Conferências de Religiosas e Religiosos do Brasil e do Equador, que desejam ser sinal pequeno e germinal de uma Vida Consagrada entranhadamente compassiva a serviço da vida ameaçada.

Como confirmação de toda esta experiência de ESCUTA, a Palavra de Deus no 5º domingo da Quaresma nos provocou: “Lázaro, vem para fora!”. Imperativo de vida que nos provoca e desafia a superar nossos medos e seguranças e a nos atrevermos, com nossas irmãs e irmãos do Haiti, a percorrer trilhas de audácia e criatividade evangélica: “Vida Religiosa, vem para fora!”.

Tudo o que vimos e ouvimos nos moveu à COMPAIXÃO. Compaixão com a natureza que quer renascer, com as crianças que sorriem, com os jovens que sonham seu futuro, com as mulheres e os homens que lutam pela sobrevivência, com a dignidade que se reconstrói. Compaixão que desperta o coração para o compromisso.

A Equipe de Reflexão Teológica da CLAR nos ajudou a identificar os gritos que nos tocaram mais profundamente: vida digna, saúde e educação básica, superação da pobreza extrema, comunhão e audácia da Vida Religiosa. São esses clamores que nos permitem definir nossa ação concreta

como Vida Religiosa latino-americana em vista do Haiti. Consideramos também as significativas interpelações e desafios que levamos para cada uma de nossas próprias Conferências. A Junta Diretiva precisou seu compromisso confirmando o mandato da Comissão Intercongregacional/Haiti-CLAR, no sentido de dar passos na busca por respostas criativas e seguir escutando a voz da Vida Religiosa haitiana em comunhão com a Conferência Haitiana de Religiosos (CHR) e seus projetos. Essas respostas deverão seguir a linha da reconstrução do tecido social, da formação na fé, do respeito ao protagonismo da Vida Religiosa local. No mesmo sentido, confiamos à Presidência tomar as decisões que possam fortalecer esta opção pela vida.

Reafirmamos nossa vocação para a fronteira, pelo acompanhamento dos novos cenários e sujeitos emergentes que clamam por nossa aproximação. Estamos conscientes de que está em nossas mãos a aposta pela REVITALIZAÇÃO da mística e da profecia de nossa vocação como consagradas(os).

O Haiti nos coloca diante da verdade e da necessidade vital de MUDANÇA, de uma TRANSFIGURAÇÃO de mentalidade, de atitudes, de posicionamentos, uma oportunidade para a Vida Religiosa, para chegar a ser “alavanca de esperança”³ para nos levantarmos dos escombros da indiferença e comodidade, com uma atitude de humildade e de busca sincera. Uma oportunidade para fortalecer processos e experiências intercongregacionais que favoreçam a comunhão com a Conferência Haitiana de Religiosos (CHR), com a CLAR e com as Conferências da América Latina.

Com o povo haitiano, Deus nos presenteia um *Kairós* para reler o presente e projetar outro futuro possível, onde sejamos “testemunhas da presença de Deus no meio de seu povo, verdadeiras sentinelas da vinda de Cristo, portadoras(es) da esperança [...]; onde sejamos as mãos de Cristo, o coração de Cristo que se compadece da miséria de seus povos”.⁴

Ao terminar estes dias, reconhecemos e agradecemos todos os sinais de alegria, de organização, de fé, de acolhida e de ternura solidária, manifestadas pelas irmãs e irmãos que vieram ao nosso encontro, tornando possível este espaço de

3. Palavras de Padre William Smarth: “No Haiti, em meio ao desalento e à tristeza, a VC deve ser a *alavanca* que ajude a levantar as toneladas de escombros, a voz de Marta e Maria para suscitar a compaixão, e provocar a ressurreição de Lázaro. Isto depende da graça de Deus, porém também do desejo da VR” (10 de abril de 2011).

4. Palestra de Dom Aúza, Núncio Apostólico para o Haiti, 9 de abril de 2011.

comunhão e corresponsabilidade em Porto Príncipe. Abraçamos especialmente a Vida Religiosa do Haiti, agradecendo seu testemunho de esperança e sua determinação a favor da vida e da reconstrução de seu povo.

A caminho da XVIII Assembleia Geral Eletiva da CLAR, a realizar-se em Quito (Equador), de 22 a 19 de junho de 2012, despedimo-nos desta Junta Diretiva tão próxima da Páscoa, tornando nosso o mistério do sofrimento e da cruz de Jesus, deste e de tantos povos com os quais caminhamos, proclamando juntas(os) a irrenunciável força da Ressurreição.

Convidamos a todas(os) a invocar a proteção de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, padroeira do povo haitiano, para que cubra de bênçãos a Vida Religiosa da América Latina e do Caribe, percorrendo com ela o caminho da fidelidade radical a Jesus e a seu Reino.

Porto Príncipe, 12 de abril de 2011.

A serviço da Vida Religiosa Consagrada no Brasil

A Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), no exercício de sua missão e disposta a colaborar na formação dos religiosos e religiosas, mantém, desde 1977, o Centro de Renovação Espiritual (CERNE), visando proporcionar um programa de vivência que os(as) auxilie a melhor integrar suas potencialidades no discipulado de Jesus Cristo.

Essa experiência de vida intercongregacional, na dinâmica da partilha, da oração, da reflexão e da avaliação pessoal e comunitária, proporciona a retomada da Vida, Consagração e Missão com maior coerência e novo vigor.

O CERNE de número 103 aconteceu em Curitiba-PR, na Casa Provincial das Irmãs da Santíssima Trindade, no período de 20 de fevereiro a 1º de abril de 2011, e contou com a participação de quarenta religiosas e religiosos procedentes das regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste, Sul, e também da África.

A celebração eucarística que abriu oficialmente o curso foi presidida por Dom Moacyr José Vitti, arcebispo de Curitiba. Esteve presente também a Irmã Círia Catarina Mees, representando o Regional CRB do Paraná.

Como coordenadores, podemos salientar que a realização desse CERNE aconteceu em clima de muita acolhida, participação, partilha de vida, seriedade, abertura, alegria, compromisso, abandono à Graça de Deus e disposição para

continuar assumindo com garra a missão apostólica do dia a dia no meio do povo.

Além dos temas propriamente teológicos, outros assuntos interessantes foram tratados ao longo do CERNE, como, por exemplo, “Psicologia na Vida Religiosa: crescimento pessoal e comunitário”, que foi desenvolvido logo no primeiro dia com a assessoria da Irmã Anyr Mezzomo, palotina.

Fomos testemunhas de processos de grande crescimento humano e espiritual, muitos dos quais vividos na dor e também no encantamento de percepções libertadoras. Além do retiro, o acompanhamento personalizado certamente ajudou os cursistas a refletirem sobre as suas vidas como vidas consagradas ao Senhor no tempo de hoje. Esse acompanhamento espiritual foi feito pelo Padre Joaquim Andrade, svd, pelo Frei Ivani Ribeiro, carmelita, e pelas Irmãs Maria Madalena Moretto, idp; Rosarita Wibbelt, idp; e Terezinha Remonato. A esses nossos irmãos e irmãs a gratidão da CRB e da Vida Religiosa do Brasil. Esta gratidão também é extensiva à CRB Regional, através do seu presidente, Padre Tomaz Hughes, svd, à Irmã Círia Catarina, idp, e a todos os membros da Diretoria. O apoio do Regional foi decisivo para o sucesso do CERNE 103, bem como a hospitalidade das Irmãs da Santíssima Trindade e dos(as) funcionários(as) da casa.

Em seguida, apresentamos alguns “depoimentos instantâneos” extraídos da avaliação final que os cursistas fizeram.

O que digo ou falo sobre o CERNE?

- Sou protagonista; alegria de viver; tempo de Graça e conversão; importância de ser eu mesmo(a); lugar de Deus preparado especialmente para mim; ofereceu-me uma outra visão da VRC; favoreceu novos relacionamentos e aprofundamentos também; incentivo para investir mais na vida espiritual e na missão pastoral; releituras da missão e do meu compromisso; obtenção de novas energias; nova visão da VRC e do mundo.

- Foi um verdadeiro laboratório de grandes e profundas experiências de vida; o conteúdo foi excelente e o levei para toda a vida; uma maior valorização da vida espiritual, que estava meio esquecida; ânimo para continuar na missão; encontro profundo com Deus; revolucionou a minha vida interior; nova maneira de viver a minha consagração religiosa; valorização dos dons que estavam meio adormecidos; vida fraterna vivida com alegria, luz e Graça; retomar com mais vigor a vida de oração pessoal; valorização da minha opção por Jesus Cristo.
- Estava sem compor e cantar! Estou impactada! Foi uma experiência maravilhosa e bendita de amorização!

O CERNE foi coordenado pelos Assessores Executivos da CRB Nacional, Padre Mário Cesar do Amaral, sac, e Irmã Vilma Vitoreti, fdcc. E-mail: cerne@crbnacional.org.br.

Entrevista com Dom João Braz Aviz*

251

ENTREVISTA

Convergência: Como foi para o senhor receber a notícia de que havia sido escolhido pelo Papa Bento XVI para ocupar este cargo?

Dom João Braz Aviz: Foi uma surpresa, porque sou *padre diocesano*, não sou *padre de Congregação*, embora esteja ligado ao Movimento dos Focolares, que foi a minha fonte de espiritualidade. Por outro lado, sempre aprendi na minha vida que todo apelo que o Santo Padre faz é para uma vocação, um apelo para estar disponível. Isso aconteceu desde o momento em que fui chamado para ser *bispo*, que, particularmente, ocorreu numa circunstância espiritualmente muito difícil da minha vida, pois havia sofrido um acidente e pensei que ia perder a minha vida. Depois, passado um certo tempo, aconteceu este chamado para o *episcopado*. Então, de um lado, há uma surpresa que seja um convite com tal abrangência e, do outro lado, há a consciência das limitações pessoais ante a importância que tem esta Congregação dos Religiosos e Religiosas para a Igreja. Mas penso assim: se digo não, o que é que fica no meu coração? Já atendi padres que disseram não ao episcopado. Quando a decisão não é feita com muita tranquilidade, fica no coração a sensação de ter dito não a Deus. Isso é pior do que ter aceitado. Sempre digo sim. Só peço a quem chama que saiba quem a gente é, que não ponha, digamos assim, uma confiança demasiada. O meu desejo é ser fiel, mas sei também que sou frágil. Com tal atitude, assumo agora esta responsabilidade.

Apesar de não ser *religioso*, sempre me relacionei bem com os *religiosos*. A origem da minha vocação, aliás, se situa entre

* Prefeito da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica.

um *padre diocesano* e um *vicentino*, que por sinal era meu primo. Também vivi em *colégio de irmãs*, as Irmãs de Caridade, durante dois anos, quando era criança, num internato. Fui educado num *seminário religioso* dos *padres* do Pontifício Instituto para as Missões (PIME) e aí descobri o meu espírito missionário. Depois, dentro do Movimento dos Focolares, uma outra coisa que aprendi foi que os Institutos, as Sociedades, as Congregações e as Ordens religiosas, no fundo, são uma palavra do Evangelho dirigida à Igreja através dos seus *fundadores*. Então, nesse sentido, não existe uma palavra que não tenha valor. Cada Congregação ou Família de Consagração religiosa tem uma função. Sei que neste momento muitas Congregações e algumas Ordens estão sofrendo uma certa crise. Muitas obras e poucos membros, poucas vocações. Temos de, aos poucos, entrar neste assunto para tentar compreender o que é que está faltando, onde é que está o problema, e juntos nos ajudarmos para superar tal situação. Nesse sentido, vejo com simplicidade, com abertura, e vou para uma missão que é estar perto do Santo Padre para auxiliá-lo. Não vamos ter, assim, personalidade própria, porque a Congregação é um serviço ao Papa, mas creio que vamos poder ajudá-lo naquilo que é necessário para a Igreja.

Convergência: Qual é a importância de se ter um *bispo* brasileiro na Cúria Romana hoje?

Dom João Braz Aviz: O próprio Cardeal Bertolli (secretário de Estado) me falou da necessidade de, nesse contexto, se ter um *bispo* brasileiro em Roma, dado o tamanho e a importância da Igreja do Brasil. Então, seria bom que o Papa pudesse contar com um dos nossos bispos ao seu lado. Isso é muito bonito também porque a Igreja no Brasil, afinal de contas, é muito representativa. A Igreja aqui é muito viva e, apesar das dificuldades, ela ainda cultiva uma espiritualidade popular, coisa que não acontece mais em grande parte da Europa, infelizmente. Não sei o que é que vamos encontrar em Roma, mas sei que há um forte apelo de Deus, há um grupo de pessoas trabalhando nessa missão e também uma

experiência mais do que secular da Igreja nesta Congregação e, devagar, a gente vai se inserindo nisso também.

Convergência: Como o senhor analisa hoje a Vida Religiosa?

Dom João Braz Aviz: O primeiro aspecto que gostaria de considerar é o seguinte: cada *fundador* e *fundadora*, seja das Congregações menores, seja das maiores, teve uma inspiração de Deus para servir a Igreja, teve uma luz que intuiu, que viveu e passou à Igreja. Trata-se de uma tradição milenar, como os Beneditinos, os Franciscanos, e a gente podia aqui ir citando muitas dessas Famílias religiosas. Em todas elas existe sempre a Palavra de Deus, que, através de um *fundador* ou *fundadora*, se tornou uma *constituição*, uma Família religiosa. Aí tem um sinal de Deus para a sociedade, um sinal de vida para a Igreja. De um modo geral, pouquíssimas Congregações perderam a sua finalidade primeira. O que houve foi que essas Congregações, em determinado momento, tiveram dificuldade de entender as suas *constituições* ou de adaptá-las às novas realidades sociais, ou porque, pela falta de um testemunho, foram dizimadas etc. Penso que agora precisamos caminhar juntos, sabendo que cada Família religiosa é um tesouro da Igreja.

Em segundo lugar, penso que não podemos mais continuar a viver cada qual olhando apenas para o seu próprio *carisma*. Quem recebeu um *carisma* não recebeu para si, mas para a Igreja, e este *carisma* precisa viver ao lado dos outros, sem concorrência. Temos de pôr nossos carismas à disposição de todos. Por exemplo: há Congregações riquíssimas. Por que é que não podemos caminhar com aquelas que são mais pobres? Há Congregações que têm meios espirituais, gente muito bem preparada e Centros de Formação muito bons que podem ser colocados à disposição da Igreja. Podemos ser luz para todos! Por um princípio teológico e espiritual, é preciso que se faça um trabalho de entrosamento, porque Deus não nos constituiu solitários e não dá os seus carismas separados, mas unidos na Igreja. Isso vem da própria realidade de Deus, que é Trindade, é unidade, mas é Trindade também. A volta ao mistério trinitário é uma coisa que vai fecundar muito mais as nossas Ordens e

Congregações religiosas. Percebo que os *carismas* que estão conseguindo reencontrar a sua originalidade e estabelecer um diálogo com a cultura atual e com os outros *carismas* estão se situando, estão tendo vocações. É preciso descobrir se a falta de vocações em algumas Congregações e Ordens religiosas é por vontade de Deus ou se somos nós que estamos impedindo o caminho.

Convergência: Qual é a análise que o senhor faz da sociedade atual?

Dom João Braz Aviz: Como disseram os *bispos* da CNBB em Aparecida, em 2007, dirigindo-se à América Latina e ao Caribe, estamos vivendo não uma mudança de cultura, mas uma mudança de época. O que é que isso significa? A exasperação do individualismo agora, por exemplo, o que quer dizer? Tem de haver uma aspiração da grandeza do homem e da mulher, um desejo de felicidade, só que o caminho está errado. Sabemos que o individualismo leva à morte, porque destrói a pessoa e a relação. A comunhão com o outro leva a servir, e o serviço liberta a pessoa, faz a gente pensar no outro, amar o outro. E não se trata apenas de riquezas materiais, mas também espirituais. A vida não deve ser solitária, tem de ser de comunhão.

Isso tudo é patrimônio da Igreja, só que precisamos focalizar novamente. O mundo precisa de testemunhos e isso temos de provar. Temos de argumentar e testemunhar que Deus é a felicidade das pessoas. Tantos problemas de ordem sexual, de ordem afetiva, indicam o quê? Perdemos algo de essencial e não estamos encontrando mais aquilo que nos realiza.

Convergência: Qual é a sua opinião sobre o fenômeno da intercongregacionalidade?

Dom João Braz Aviz: Penso que se pode fazer a comunhão sempre a partir da própria identidade, porque, quando a pessoa perde a identidade, o outro não consegue encontrar qual é o diferente. Trata-se da fidelidade ao próprio caminho, ao próprio dom, e também de se alegrar com a identidade do outro. Aqui em Brasília, temos a missão em Roraima e

estamos surpresos com uma coisa: pensávamos que a parte mais complicada seria o dinheiro, depois que seriam difíceis os meios de subsistência, saúde etc., porque lá existe muito mosquito, há muitos rios etc. Sabe onde encontramos o maior problema? Foi no relacionamento com a comunidade. Houve crise nos *padres* e também nos leigos. Estamos refletindo sobre isso, porque parece que somos incapazes de viver a comunhão. Por que está acontecendo isso? Porque a nossa formação e a nossa mentalidade são muito individualistas. Cada um se perde no seu mundo e não mostra a sua identidade de discípulo de Jesus. Isso temos de corrigir.

Eu acho que na intercongregacionalidade acontece o mesmo fenômeno, porque podemos somar um mundo de coisas, mas há outras que são características de cada Família religiosa. Mas também há muitas outras coisas que são comuns. Se há espírito fraterno, a gente pode crescer muito e se ajudar muito.

Convergência: Qual será a sua função na Congregação?

Dom João Braz Aviz: Comparo a função como se fosse um elo de ligação com tudo o que o Santo Padre tem no coração, a realidade carismática da Igreja, as Ordens e Congregações, Institutos, enfim, a vida das pessoas consagradas. Penso que podemos atrair toda essa vida e ajudar para que ela se desenvolva bem, atender as suas verdadeiras aspirações, auxiliar e ser solidários em suas dificuldades, sempre com a luz do Evangelho. Que tudo isso seja dado ao Santo Padre como um serviço e que, depois, ele diga o que acha que é melhor para a Igreja. Não vejo qual seria outra função. Tudo isso, é claro, com retidão jurídica, com conhecimento de causa, mas também com aquela delicadeza de quem procura ver o que é essencial nesta vida de seguimento de Jesus.

Convergência: Deixe-nos uma mensagem para a Vida Religiosa no Brasil

Dom João Braz Aviz: Creio que as Comunidades maduras geram pessoas virgens, pessoas consagradas, homens e mulheres. As Congregações religiosas, Ordens e Institutos de Vida Apostólica são um tesouro na Igreja, um tesouro

muito grande que o mundo não entende. Quando decidimos ser *religiosa* ou *religioso*, é porque houve um chamado, um conselho, e consideramos que era belo, e por isso nos consagramos. Penso que não podemos jogar fora esse tesouro. Precisamos arrumá-lo, organizá-lo, mas não é uma organização externa e sim reencontrar a estrada por onde passa esta alegria de sermos consagrados numa época onde o prazer é exacerbado por todos os lados. Esta consagração é uma resposta tão clara do homem a Deus, da mulher a Deus!

Agora, não devemos permitir que este “estado de perfeição” – como era chamado antes – venha a colocar uma luz errada sobre as outras vocações. Quer-se dizer com isso que uma pessoa virgem não é melhor do que uma pessoa casada. A vocação de um é diferente da vocação do outro, mas os dois têm a mesma vida cristã a ser vivida. Então, nesse sentido, temos de provocar muito mais este saber viver a beleza da própria vocação, mas junto com os demais. Isso é uma coisa que também precisa ser corrigida. Lembro que outrora se colocava em alta conta a virgindade, que era como se ser pai ou ser mãe fosse menos. Isso não é verdade. Por outro lado, é preciso que não se diga, como alguns diziam no passado, que a vida em Comunidade, a Vida Religiosa é a máxima penitência. A Vida Religiosa deve ser vivida por pessoas juntas, formando Comunidades, como queriam os *fundadores* e as *fundadoras*, para que, sendo irmãs e irmãos, conservem Deus em seu meio. Esta é a nossa maior alegria, porque quem me dá a oportunidade de encontrar Deus é o outro. Sozinho não consigo amar. Preciso do outro para amar. O famoso *Imitação de Cristo* é um grande livro e ninguém o deveria pôr de lado, mas tem uma afirmação que é de um autor do mundo romano e que diz que “toda vez que fui para o meio dos homens voltei menos homem”. É horrível isso, porque ir ao encontro do outro significa, justamente, a possibilidade de ir ao encontro de Deus, pois, através do outro, posso amar. Isso muda completamente a perspectiva da gente. Não é preciso grandes coisas, basta um copo d’água, tentar escutar as pessoas, antecipar-se para ajudar as

peçoas que precisam. Tal será a nossa força para vivermos a nossa consagração, a nossa pobreza, a nossa castidade, a nossa obediência. Ninguém é maior do que ninguém. A obediência não é de um que está em cima e de outro que está embaixo, tem de ser de uma fraternidade de iguais, onde alguém coordena, e coordena com autoridade, mas é um irmão ou irmã que busca fazer a *vontade* de Deus para poder ajudar os outros. Uma vez fui a uma Casa de *religiosas* para acompanhar a eleição de uma priora. Foi preciso fazer vários escrutínios para escolher entre nove pessoas quem seria a priora. O que isto quer dizer? Quer dizer que a Comunidade estava dividida. Havia uma disputa de poder. Já em outra Comunidade, em meia hora estava decidido quem seria a *abadessa*, porque havia comunhão entre as monjas. Acredito que essas posturas estão fazendo mal e precisam ser remodeladas. É com o Evangelho que a gente faz isso.

Não sei para onde Deus vai me levar, mas penso que a força maior das Congregações, das Ordens, dos Institutos, das Sociedades de Vida Apostólica vem dessa alegria de sermos consagrados totalmente ao Senhor.*

* Entrevista concedida ao jornalista Padre Plutarco Almeida, sj, editor de *Convergência*.

Filmes que recomendamos

Aqui estão três indicações de filmes que marcaram positivamente o cinema neste primeiro semestre de 2011. São películas que foram premiadas nos maiores festivais internacionais e que podem servir de motivação tanto para um simples momento de lazer das nossas Comunidades religiosas como para uma discussão e/ou debate em Casas de formação, paróquias, colégios, grupos de casais etc.

Logo depois da “sinopse” (resumo), colocamos algumas palavras-chave, que de alguma forma “amarram” as mensagens principais que o filme quer passar para o espectador, facilitando, assim, a compreensão e a destinação que se pode dar a ele, ou seja, para que tipo de público e evento o filme é mais apropriado.

O Cisne Negro

Título original: *Black Swan*.

Lançamento: 2010 (EUA).

Direção: Darren Aronofsky.

Atores: Natalie Portman, Mila Kunis, Winona Ryder, Vincent Cassel.

Duração: 103 min.

Gênero: Suspense

Sinopse: Beth MacIntyre (Winona Ryder), a primeira bailarina de uma companhia, está prestes a se aposentar. O posto fica com Nina (Natalie Portman), mas ela possui sérios

problemas interiores, especialmente com sua mãe (Barbara Hershey). Pressionada por Thomas Leroy (Vincent Cassel), um exigente diretor artístico, ela passa a enxergar uma concorrência desleal vindo de suas colegas, em especial Lilly (Mila Kunis).

Palavras-chave: Crise; Insegurança; Tabus; Concorrência; Amadurecimento; Superação; Firmeza; Personalidade.

O discurso do rei

Título original: *The King's Speech*.

Lançamento: 2010 (Inglaterra).

Direção: Tom Hooper.

Atores: Colin Firth, Helena Bonham Carter, Geoffrey Rush, Michael Gambon.

Duração: 118 min.

Gênero: Drama.

Sinopse: [http://www.adorocinema.com/filmes/o-discurso-do-rei/fas/Desde os quatro anos, George \(Colin Firth\) é gago. Este é um sério problema para um integrante da realiza britânica, que frequentemente precisa fazer discursos. George procurou diversos médicos, mas nenhum deles trouxe resultados eficazes. Quando sua esposa, Elizabeth \(Helena Bonham Carter\), o leva até Lionel Logue \(Geoffrey Rush\), um terapeuta de fala de método pouco convencional, George está desesperançoso. Lionel se coloca de igual para igual com George e atua também como seu psicólogo, de forma a tornar-se seu amigo. Seus exercícios e métodos fazem com que George adquira autoconfiança para cumprir o maior de seus desafios: assumir a coroa, após a abdição de seu irmão David \(Guy Pearce\).](http://www.adorocinema.com/filmes/o-discurso-do-rei/fas/Desde%20os%20quatro%20anos,%20George%20(Colin%20Firth)%20%C3%A9%20gago.%20Este%20%C3%A9%20um%20s%C3%A9rio%20problema%20para%20um%20integrante%20da%20realiza%20brit%C3%A2nica,%20que%20frequentemente%20precisa%20fazer%20discursos.%20George%20procurou%20diversos%20m%C3%A9dicos,%20mas%20nenhum%20deles%20trouxe%20resultados%20eficazes.%20Quando%20sua%20esposa,%20Elizabeth%20(Helena%20Bonham%20Carter),%20o%20leva%20at%C3%A9%20Lionel%20Logue%20(Geoffrey%20Rush),%20um%20terapeuta%20de%20fala%20de%20m%C3%A9todo%20pouco%20convencional,%20George%20est%C3%A1%20desesperan%C3%A7oso.%20Lionel%20se%20coloca%20de%20igual%20para%20igual%20com%20George%20e%20atua%20tamb%C3%A9m%20como%20seu%20psic%C3%B3logo,%20de%20forma%20a%20tornar-se%20seu%20amigo.%20Seus%20exerc%C3%ACIOS%20e%20m%C3%A9todos%20fazem%20com%20que%20George%20adquira%20autoconfian%C3%A7a%20para%20cumprir%20o%20maior%20de%20seus%20desafios:%20assumir%20a%20coroa,%20ap%C3%B3s%20a%20abdi%C3%A7%C3%A3o%20de%20seu%20irm%C3%A3o%20David%20(Guy%20Pearce).)

Palavras-chave: Orgulho; Preconceito; Pessimismo; Sofrimento; Esperança; Amizade; Lealdade; Autoconfiança; Superação.

Homens e deuses

Título original: *Des hommes et des dieux*.

Lançamento: 2010 (França).

Direção: Xavier Beauvois.

Atores: Lambert Wilson, Michael Lonsdale, Olivier Ra-
bourdin, Philippe Laudenbach, Jacques Herlin,
Loïc Pichon, Xavier Maly, Jean-Marie Frin, Ab-
delhafid Metalsi, Sabrina Ouazani.

Duração: 122 min.

Gênero: Drama.

Sinopse: Em um mosteiro situado no meio das montanhas argelinas na década de 1990, oito frades católicos franceses vivem em harmonia com os seus irmãos muçulmanos. Progressivamente, a violência e o terror se instalam na região. Apesar das ameaças que vão aumentando cada vez mais, a decisão dos monges de ficar custe o que custar concretiza-se dia após dia.

Palavras-chave: Fé; Sofrimento; Solidariedade; Fraternalidade; Dúvida; Discernimento; Compromisso; Doação; Martírio.

Vida Religiosa Consagrada e espiritualidade litúrgica

261

ARTIGOS

LISANEOS PRATES, O. DE M.*

Introdução

A Vida Religiosa Consagrada configurada na história da Igreja ao longo de tantos séculos é resultante de uma profunda experiência do mistério insondável do Deus TriUno revelada na dinâmica histórico-salvífica como ação libertadora em favor do ser humano diante das mais variadas e refinadas formas de cativeiro que degradam a dignidade humana. Esta visita salvífico-libertadora de Deus, cujo conteúdo experiencial e histórico-existencial traduz o que é a mesma Revelação de Deus, se expressa na mediação da liturgia da Igreja, sendo esta *lex orandi et lex credendi*.¹ Vale dizer que, no sentido mais específico da Tradição da Igreja, quando se celebra a Eucaristia acontece a experiência mais autêntica e original daquilo que significa a oração na vida cristã. Ou seja, a Eucaristia é a oração por excelência da Igreja, a qual normatiza ou pauta todas as outras expressões de oração experienciadas pelos cristãos. Também a celebração litúrgica da Igreja tem como conteúdo aquilo em que consiste a autenticidade e originalidade da fé, isto é, a comunidade eclesial celebra aquilo em que ela acredita e, simultaneamente, acredita naquilo que ela celebra como sendo duas dimensões inseparáveis da experiência reveladora de Deus.

A autêntica experiência de Deus, portanto, é inseparável da experiência que a comunidade eclesial realiza ao celebrar a Eucaristia. Esta é a expressão significativa do conteúdo da fé da Igreja, por isso, em cada *celebração* da Eucaristia, a

* **Frei Lisaneos Prates** pertence à Ordem de Nossa Senhora das Mercês, na qual cumpre a função de provincial da Província Mercedária do Brasil. Estudou Teologia na Pontifícia Universidade de Salamanca e na Universidade Gregoriana de Roma, onde obteve o doutorado em Teologia Dogmática. Atualmente, é professor no curso de pós-graduação da Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção – PUC-SP.

1. “O Sínodo dos Bispos refletiu demoradamente sobre a relação intrínseca entre fé eucarística e celebração, pondo em evidência a ligação entre a norma da oração (*lex orandi*) e a norma de fé

(*lex credendi*) e sublinhando o primado da ação litúrgica. É necessário viver a Eucaristia como mistério da fé autenticamente celebrado, bem cientes de que “a inteligência da fé (*intellectus fidei*) sempre está originariamente em relação com a ação litúrgica da Igreja: [...]”. Cf. BENTO XVI. Exortação apostólica pós-sinodal *Sacramentum Caritatis*, n. 34. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20070222_sacramentum_caritatis_po.html#EUCARISTIA,_MISTÉRIO_CELEBRADO_>.

assembleia que celebra proclama sua fé ao rezar em comunhão o Credo da Igreja. O ponto fulcral desse conteúdo sintetizado na mediação da *celebração eucarística* fundamentada na fé da Igreja e, simultaneamente, numa profissão de fé sustentada pela Oração Eucarística da Igreja é o Mistério Pascal. Este fundou e inaugurou na história das religiões a singularidade do Cristianismo como experiência *sui generis et originalis* do Deus configurado na humanidade-divindade de Jesus Cristo. Sendo assim, nesta reflexão faremos uma primeira aproximação à significância da espiritualidade litúrgica e, em seguida, partiremos da relação entre Vida Religiosa Consagrada e Mistério Pascal.

Conforme a lógica da nossa reflexão, o Advento-Natal-Epifania como momento de singular beleza dentro do ciclo litúrgico-celebrativo que caracteriza a Tradição da Igreja corresponde a uma *retro*-projeção ou *re*-leitura elaborada pelas comunidades primitivas. Tal *re*-tomada significativa da pessoa de Jesus Cristo no seu mistério revelador da presença misteriosa de Deus é feita na mediação da fé da comunidade que celebra-acreditando, vale dizer, da comunidade que acredita-celebrando.

Significância da espiritualidade litúrgica

Quando se trata da espiritualidade que deve caracterizar a Vida Religiosa Consagrada, não é possível concebê-la à revelia da espiritualidade da Igreja na mediação de sua expressão por excelência que se dá na *celebração litúrgica*, que é propriamente a *celebração eucarística*. Num sentido geral ampliado, podemos asseverar que toda expressão espiritual que caracterize alguma ação pastoral ou movimento apostólico dentro da Igreja deverá ser uma extensão da espiritualidade litúrgica da mesma Igreja. Ou seja, a diversidade ou o pluralismo das expressões espirituais que sempre marcaram a andadura da Igreja ao longo de séculos jamais deverá ser concebida como um tipo de “experiência anárquica”. É exatamente a liturgia celebrada e acreditada o conteúdo nuclear que qualifica as mais diversas expressões espirituais

que têm caracterizado a vida da Igreja. Com isso queremos asseverar que, se existe uma diversidade ou pluralidade nas expressões espirituais que caracterizam a experiência cristã do Deus de Jesus Cristo na Igreja, tal realidade é autêntica e veraz. De outro lado, dita diversidade plural tem sua autenticidade e veracidade à medida que esteja vinculada ao núcleo unificador da mesma experiência de Deus na Igreja configurado na *celebração eucarística*.

A experiência cristã do Deus de Jesus Cristo configurada na Igreja tem, portanto, um núcleo unificador, o qual não se trata de uniformizar a espiritualidade litúrgica, mas conferir-lhe autenticidade qualificadora. Trata-se de conceber a espiritualidade da Igreja a partir de uma fonte unificadora definida pelo seu caráter de *unidade-plural* e *pluralidade-unificadora*. Ou dito de outra forma: a beleza *unificadora* da espiritualidade na Igreja não prejudica sua diáfana *diversidade*. A unidade vital transparece na diversidade e, vice-versa, a diversidade comunica a transparência vital da unidade. Esse dinamismo fluente que transita entre unidade-diversidade advém da própria ação daquele que é o protagonista e substância da espiritualidade, a saber, o Espírito Santo. Em última instância, podemos dizer que a *unidade-pluriforme* que determina a experiência cristã de Deus na Igreja tem sua fonte definitiva no próprio insondável Mistério, onde não encontramos uma *contra*-posição entre dimensão trinitária e dimensão unitária. E o mistério celebrado-acreditado na expressão da espiritualidade litúrgica não é exatamente o Deus TriUno?

A Vida Religiosa Consagrada nasceu no coração da Igreja e do mundo para ser sinal de fraternidade na mediação da diversidade dos carismas de seus fundadores e fundadoras, sendo que na extensão do carisma fundacional surgiu um estilo, perfil ou jeito espiritual específico.² Esse jeito espiritual próprio de cada experiência fundacional carismática é o conteúdo histórico-teológico que passou a denominar-se posteriormente espiritualidade. Cada experiência de fundação num segundo estágio recebeu sua confirmação por parte da Igreja. Cabe o exemplo da fundação da Ordem das

2. ROCCA, Giancarlo. *O carisma do fundador*. São Paulo: Paulus, 2010.

Mercês, fundada em 1218 por São Pedro Nolasco e confirmada em 1235 pelo Papa Gregório IX. A fundação é como que a experiência batismal, é o momento fundante e fundamental que dá sustentabilidade carismática a uma nova ação inspirada pelo Espírito Santo sempre em favor da vida humana. O carisma é uma ação a serviço da humanização da pessoa. Humanizar significa criar condições para que a pessoa possa viver como filho(a) de Deus, pois para isso ela foi criada. Não é por acaso que a Revelação de Deus assevera:

Quando se completou o tempo previsto, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sujeito à Lei, para resgatar os que eram sujeitos à Lei, e todos recebermos a dignidade de filhos. E a prova de que sois filhos é que Deus enviou aos nossos corações o Espírito do seu Filho, que clama “Abá, Pai!”. Portanto, já não és mais escravo, mas filho; e, se és filho, és também herdeiro; tudo isso, por graça de Deus (Gl 4,4-7).

No que tange à base teológico-espiritual do que entendemos por “confirmação” da fundação de uma Ordem religiosa, afirmamos que “confirmar” significa “crismar” a experiência carismática fundada no carisma do(a) fundador(a). Vale dizer, tal expressão do carisma passa a ser patrimônio espiritual de toda a Igreja colocado a serviço do mundo inteiro. De tal maneira que, tomando como exemplo algumas das Ordens religiosas fundadas no período medieval, tais como franciscanos, mercedários, dominicanos, servitas, carmelitas, dizemos que toda a Igreja acabou possibilitando o surgimento de tais expressões espirituais ou estilos de espiritualidade. De outro lado, todos nós, católicos e, às vezes, até não católicos, assimilamos no perfil da nossa vida cristã a influência de tais escolas carismático-espirituais configuradas em cada uma dessas ordens medievais. Lembramos que a partir do século VI, quando São Bento de Núrsia funda a Ordem de São Bento, o mosteiro passou a ser o lugar onde se mantém a original celebração litúrgica da Igreja. Não é por casualidade que toda a espiritualidade monástica tem sua base na *lectio divina*, cujo fundamento é a Palavra de

Deus lida e rezada como fonte primária da espiritualidade litúrgica.

Esta estreita digressão sobre a base teológico-espiritual do significado de “fundação” e “confirmação” no caso de uma Ordem religiosa nos ajuda a compreender que a sua expressão litúrgica no contexto da ampla liturgia da Igreja deverá expressar sempre sua identidade carismático-espiritual em sintonia com a tradição litúrgico-celebrativa da mesma Igreja. Sendo assim, toda expressão espiritual de alguma Ordem, Congregação, Instituto ou Comunidade religiosa que por desventura não esteja harmonizada com a *lex orandi et lex credendi* se desvirtua da liturgia como uma das fontes que caracteriza e identifica a manifestação da Revelação histórico-salvífico-libertadora do Deus TriUno.³

A seguir, apresentamos um esboço dos principais elementos que formam o conteúdo nuclear da liturgia da Igreja e sua conseqüente expressão espiritual. A espiritualidade litúrgica da Igreja tem como fonte primária a Palavra de Deus encarnada na história como expressão mais excelente da Revelação definitiva de Deus na pessoa do Verbo encarnado. Tal conteúdo excelentemente expressivo está contido na Palavra escrita e registrada no Antigo e no Novo Testamento. Tal conteúdo nos mostra que não é outro que se revela, mas Deus mesmo no seu Mistério trinitário. A Revelação é eminentemente/iminentemente trinitária. Tal horizonte trinitário da Revelação de Deus no Antigo Testamento tem como conteúdo o projeto da instauração no coração da história e do mundo do Reinado de Deus. No Novo Testamento, com o advento do mistério de Jesus Cristo – Verbo encarnado –, o Reinado de Deus passa a ser denominado Reino de Deus, Reino, Reino dos Céus. Numa linha teológico-espiritual-litúrgica, podemos asseverar que Revelação, Trindade e Reino de Deus são os elementos necessários para a identidade da espiritualidade litúrgica da Igreja. Ela é o Povo de Deus convocado para ser sujeito da *celebração eucarística*, original memória sacramental-histórica do Mistério Pascal de Jesus Cristo.

3. Sobre a temática em torno da Revelação de Deus, ver a nossa reflexão: “Fé e revelação: uma aproximação teológica”. In: XAVIER, Donizete José; SILVA, Maria Freire da. *Pensar a fé teologicamente*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 79-114.

4. “Com o sentido da categoria ‘teológico-antropológico’ derivado de Jo 1,14a, queremos indicar que no mistério da encarnação o divino e o humano se unem de forma inconfundível e inseparável. Sendo assim, quando a teologia se ocupa do divino implica/explica o humano. Quando a antropologia se ocupa do humano implica/explica o divino. Já não se pode separar ou confundir a teologia com a antropologia e vice-versa.” Ver: PRATES, Lisaneos. *Fraternidade libertadora. Uma leitura histórico-teológica das Campanhas da Fraternidade da Igreja no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 131, nota 8.

5. PRATES, *Fraternidade libertadora. Uma leitura histórico-teológica das Campanhas da Fraternidade da Igreja no Brasil*, p. 487-523.

A Revelação de Deus, o Mistério trinitário e o Reino de Deus como núcleo determinante da espiritualidade litúrgica têm um correlato antropológico como desdobramento que proporciona a participação efetiva e afetiva do ser humano na dinâmica da ação salvífico-libertadora de Deus na história. Do ponto de vista *teo-antropológico*,⁴ o próprio Deus, no seu desígnio insondável e de total gratuidade, criou o ser humano como sujeito interlocutor e capaz de entabular com ele um relacionamento determinado por seu amor incondicional. Esta dimensão antropológica na vida e existência histórica do ser humano acontece na mediação das virtudes teológicas: fé, caridade, esperança.

A fé como virtude teológica está referenciada a Deus-Pai no seu mistério invisível e, por isso, quando celebramos a Eucaristia na Igreja, a sua expressividade cúltica propriamente dita vai dirigida ao Deus-Pai na mediação do Filho-Irmão na unidade do Espírito-Santo-Filial. Claro, porque celebrar a Eucaristia é *re-assumir* na mediação da virtude da fé o compromisso com o projeto do Deus-Pai de acreditar que é possível um reinado de filhos/filhas, irmãos/irmãs. Esta espiritualidade autenticamente fraterno-filial foi assumida definitivamente pela entrega do Filho-Irmão na mediação do Reino de Deus trazido excelentemente por ele. Faz-se necessário, portanto, que o Reino de Deus continue sendo instaurado no coração do mundo e da história pela ação da Igreja na mediação da virtude da caridade. Também se faz mister que o Reino de Deus continue sendo esperado, através da virtude da esperança, na sua configuração plena e total na *parusia*, sob o consolo e alento do Espírito-Santo-Filial.⁵

Pensamos que a espiritualidade litúrgica de cada Ordem religiosa, Congregação, Instituto ou Comunidade religiosa que queira traduzir a tradição histórica da Vida Religiosa Consagrada deveria expressar no seu modo peculiar de experienciar a espiritualidade litúrgica a Tradição litúrgica magna da Igreja.

Vida Religiosa Consagrada e Mistério Pascal

O Mistério Pascal é a fonte primigênia que dá originalidade e fundamento à tipologia específica da espiritualidade litúrgica da Igreja.⁶ De tal forma que celebrar a Eucaristia significa ir ao encontro desse primevo experiencial que em definitivo definiu o conteúdo sacramental da experiência cristã de Deus. Por isso a Eucaristia é denominada na Tradição da Igreja como sendo *sacramentum caritatis*,⁷ já que *Deus caritas est* (1Jo 4,8b). A Eucaristia é o amor encarnado de Deus na pessoa de Jesus Cristo. A Eucaristia é o amor de Deus oferecido na cruz na mediação da consigna de Jesus Cristo. A Eucaristia é a vitória da vida vencedora da morte na pessoa de Jesus Cristo Ressuscitado. A Eucaristia é a “memória perigosa” do Ressuscitado, que abre o horizonte de um futuro absoluto de Deus realizado no presente e que, em forma de prolepse, alcançará sua plenitude definitiva na *parusia* ou consumação do Reino de Deus.

A Eucaristia é a instituição sacramental-antecipatória daquilo que seria, em seguida, a entrega da vida de Jesus Cristo no mistério de sua paixão-morte-ressurreição. A Eucaristia é a extensão na vida da Igreja da memória *pasco*-pentecostal sob a inspiração *re*-atualizadora do Espírito Santo. A Eucaristia é a síntese sacramental-litúrgica do Mistério Pascal de Jesus Cristo deixado como herança, para que a Igreja siga sendo o prolongamento de sua ação dinamizada pelo Espírito Santo.⁸

O significado da Vida Religiosa Consagrada passa necessariamente por uma experiência de Deus através da espiritualidade litúrgica que tipifica o paradigma da páscoa de Jesus Cristo. E quando falamos de VRC estamos falando da experiência pessoal-comunitária que se dá na pessoa de cada religioso(a) que optou por essa vocação-missão na Igreja e no mundo. Jesus Cristo é o único referencial que em definitivo dá o verdadeiro sentido à VRC, pois esta somente pode ser entendida como opção radical de suas pegadas na busca de se celebrar, instaurar e esperar o Reino de Deus. O(a) religioso(a) é alguém que assumiu um caminho espiritual

6. “A Liturgia tende essencialmente a fazer-nos viver a salvação-mistério pascal nos seus momentos particulares e isto ela faz realizando em nós o mesmo mistério pascal tomado no seu momento culminante: morte e ressurreição de Cristo.” AA.VV.

A liturgia, momento histórico da salvação. São Paulo: Paulus, 1987. p. 122. (Coleção Anámneseis, n. 1.)

7. Esta expressão clássica na teologia dos sacramentos foi cunhada por Santo Tomás de Aquino e citada como expressão paradigmática pelo Papa Bento XVI na exortação apostólica pós-sinodal *Sacramentum Caritatis*, n. 1.

8. “O tempo da Igreja é continuação do tempo de Cristo, não em razão da mera sucessão temporal, quer dizer, porque vem ‘depois de’ Cristo. A linha de continuação que ligará o tempo da Igreja ao tempo de

268

Cristo é constituído pela Liturgia.” Cf. AA. VV., *A liturgia, momento histórico da salvação*, p. 110.

9. Nesta linha de pensamento é interessante a seguinte assertiva: “No contexto da relação entre a Eucaristia e as diversas vocações eclesiais, reflete de modo particular “o testemunho profético de mulheres e homens consagrados que encontram, na celebração eucarística e na adoração, a força para o seguimento radical de Cristo obediente, pobre e casto”. Cf. BENTO XVI, *Sacramentum caritatis*, n. 81.

10. Na atualidade da América Latina e do Caribe, a vida consagrada é chamada a ser uma vida discipular, apaixonada por Jesus-caminho ao Pai misericordioso, e por isso de caráter profundamente místico e comunitário. É chamada a ser uma vida missionária,

que deve traduzir o seu compromisso com a vida de Jesus Cristo expressada nos seus gestos e palavras sempre a serviço da vida, sobretudo dos pobres, empobrecidos e excluídos, escolhidos por ele para serem o alvo preferencial de sua missão. Ao participar da *celebração eucarística*, expressão sacramental por excelência do Mistério Pascal, o(a) religioso(a) deve constantemente buscar configurar sua vida à vida de Jesus Cristo, a qual deve ser oferenda que se imola sobre o altar. Tal participação implica uma atitude vital de colocar a vida a serviço da vida seguindo o testemunho do Mestre, deixando que o mesmo Espírito Santo que o animava possa animar-nos, renovando a significância das suas palavras e dos seus gestos sempre a favor daqueles que tinham a vida ameaçada.⁹

Assim como a vida de Jesus Cristo foi caracterizada como uma verdadeira paixão por Deus e pela humanidade, a VRC deverá ser o lugar onde as novas gerações possam ser iniciadas, mistagógicamente, em tal dinâmica espiritual. Sendo a “paixão” um conteúdo nuclear no Mistério Pascal, não é possível ser religioso(a) sem paixão por Deus e paixão pela humanidade. E para a teologia espiritual da Vida Religiosa Consagrada no contexto da América Latina o compromisso com a humanidade tem rosto definido na pessoa dos pobres-empobrecidos-excluídos.¹⁰ Nesse caso, celebrar a Eucaristia e esquecê-los representa uma traição da memória perigosa do homem de Nazaré da Galileia. Se observamos bem o jeito carismático-espiritual dos(as) nossos(as) fundadores(as), ratificaremos como sendo pessoas que levaram a sério a inseparável relação entre testemunho de vida e experiência celebrativa do mistério de Deus. Levando a uma potência de radicalidade a relação entre celebração litúrgica e vida, diríamos que a VRC, sem o elã apaixonado capaz de ser semente geradora de vida, tornar-se-ia uma Sara estéril sem ter sido fecundada pela graça de Deus. Logicamente, sendo assim, não seria propriamente uma tipologia de VRC a exemplo daquilo que tem sido o testemunho da mesma na história da Igreja e do mundo.

A paixão é sempre fecunda por estar sempre preche da graça de Deus. É como grão de trigo aludido no quarto Evangelho:

Em verdade, em verdade, vos digo: se o grão de trigo que cai na terra não morre, fica só. Mas, se morre, produz muito fruto. Quem se apega à sua vida, perde-a; mas quem não faz conta de sua vida neste mundo, há de guardá-la para a vida eterna. Se alguém quer me servir, siga-me, e onde eu estiver, estará também aquele que me serve. Se alguém me serve, meu Pai o honrará (Jo 12,24-26).

A paixão pela vida nos torna capazes de oferecer a vida tendo a coragem de trilhar conscientemente o caminho da morte-geradora-de-vida. Assim como a última ceia expressa tal decisão de Jesus Cristo num contexto sacramental-litúrgico, cada vez que participamos da Eucaristia, fulcro do Mistério Pascal, conscientemente, deveríamos fazer a síntese de sua memória histórica na história de nossa vida e da comunidade eclesial.¹¹

A consequência da paixão pelos pobres-empobrecidos-excluídos é a morte. Na linha de uma cristologia consequente, a morte de Jesus Cristo não foi uma casualidade, um capricho sádico do Pai que arbitrariamente consigna o Filho. Sua morte, sim, é uma decisão profundamente livre em comunhão profunda com a vontade do Pai. A única motivação que nos aproxima melhor do mistério de tal decisão na liberdade é o amor. Afinal, *Deus caritas est*. A entrega do Filho é a maior e melhor expressão amorosa que traduz sua decisão por Deus e pela salvação-libertadora da humanidade cativa. O grão de trigo, portanto, precisa morrer para ser fonte geradora de vida, para não permanecer na solidão, mas gerar solidariedade concentradora de vida. Aqui tocamos o cerne da espiritualidade eucarística, onde a vida é mergulhada nas profundezas da morte como gesto de total e absoluta solidariedade para resgatar a vida através da força da ressurreição.

Na espiritualidade litúrgica da Igreja, a Eucaristia é a real expressão sacramental do Ressuscitado e, vice-versa, o

apaixonada pelo anúncio de Jesus-verdade do Pai, por isso mesmo radicalmente profética, capaz de mostrar à luz de Cristo as sombras do mundo atual e os caminhos de uma vida nova, para o que se requer um profetismo que aspire até à entrega da vida em continuidade com a tradição de santidade e martírio de tantas e tantos consagrados ao longo da história do Continente. E, a serviço do mundo, uma vida apaixonada por Jesus-vida do Pai, que se faz presente nos mais pequeninos e nos últimos, a quem serve a partir do próprio carisma e espiritualidade.” *Documento de Aparecida*. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 7. ed. Brasília/São Paulo: CNBB/Paulinas/ Paulus, 2008. n. 220.

11. “Os padres sinodais afirmaram, significativamente, que ‘os fiéis cristãos precisam duma compreensão mais profunda das relações entre a Eucaristia e a vida quotidiana. A espiritualidade eucarística não é apenas participação na Missa e devoção ao Santíssimo Sacramento; mas abraça a vida inteira’. [...] é preciso reconhecer que um dos efeitos mais graves da secularização, [...] é ter relegado a fé cristã para a margem da existência, como se fosse inútil para a realização concreta da vida dos homens; [...] Hoje torna-se necessário redescobrir que Jesus Cristo não é uma simples convicção privada ou uma doutrina abstrata, mas uma pessoa real cuja inserção na história é capaz de renovar a vida de todos.” BENTO XVI, *Sacramentum Caritatis*, n. 77.

Ressuscitado é a expressão mais genuína da presença real da Eucaristia. Eis a bela fala que transparece no texto lucano: “Depois que se sentou à mesa com eles, tomou o pão, pronunciou a bênção, partiu-o e deu a eles. Neste momento, seus olhos se abriram, e eles o reconheceram. Ele, porém, desapareceu da vista deles” (Lc 24,30s). No abreviado relato da experiência celebrativo-litúrgica dos discípulos de Emaús (Lc 24,13-33), do qual destacamos os dois versículos colocados em evidência, o Cristo Eucarístico é o Cristo Ressuscitado, o qual, por sua vez, é o Cristo Crucificado. Claro que não são “três cristos”, a única pessoa de Jesus Cristo assumiu sacramentalmente na última ceia ser pão e vinho para a humanidade. Vale asseverar: ele sintetizou sacramentalmente sua missão redentora nas espécies de pão-vinho para dizer que não se pode viver sem comida e bebida, isto é, são dois gestos práticos da cultura humana universal que sustentam a vida na sua totalidade significativa. Comida-bebida resume tudo aquilo que é necessário para a vida no seu sentido mais amplo. Nesse caso, comungar é assumir compromisso com a vida humana, em especial dos pobres-empobrecidos-excluídos da história.

Vida Religiosa Consagrada e Quaresma

Queremos compreender a Quaresma como tempo forte dentro do ciclo celebrativo-litúrgico da Igreja, em referência ao Cristo peregrino que fez um caminho de identificação com o projeto do Reino do Pai iniciado em Nazaré da Galileia na direção de Jerusalém. Na concepção da teologia lucana tal peregrinação tem sua culminância exatamente na cidade santa, onde ele foi violentamente pregado na cruz. Da crucifixão histórica de Jesus Cristo, surgiram os chamados relatos da Paixão, os quais foram as primeiras narrações sobre a pessoa de Jesus Cristo. Teologicamente, o mistério da ressurreição provocou uma *re-leitura* hermenêutica sobre o significado da vida-paixão-morte de Jesus Cristo. Assim, a ressurreição é o critério hermenêutico que abre um novo horizonte cognitivo sobre a real identidade do homem de

Nazaré da Galileia. É indubitável que, assim como o Novo Testamento expressa que ao longo de sua vida Jesus Cristo causou uma inusitada admiração pelo seu jeito humano-divino de ser – “ele que passou a vida fazendo o bem” (cf. At 10,38) –, o mistério da sua ressurreição provocou nos seus primeiros seguidores a busca na fé do significado de sua paixão-morte.

A paixão-morte do Mestre num primeiro momento causou um impacto decepcionante, pois a sensação era a de que aquele homem, que ao longo de sua vida não havia feito outra coisa senão o bem, tinha sido vencido pela violência da morte. Desde o momento da prisão até o ápice da cruel e desmedida violência na cruz paira sobre os seus primeiros seguidores a experiência de uma perda irreparável. No momento imediatamente posterior à morte cria-se uma piedosa devoção na direção da busca do cadáver de Jesus Cristo, já que o costume de cuidar dos mortos é um hábito antropológico-cultural que sempre marcou o universo das religiões antigas, inclusive a judaica. Assim nos notifica o relato da primeira ida de algumas mulheres ao sepulcro: “Passado o sábado, Maria Madalena e Maria, a mãe de Tiago, e Salomé compraram perfumes para embalsamar o corpo de Jesus” (Mc 16,1). Logicamente, trata-se da unção do cadáver de uma pessoa que tinha sido extremamente admirada e amada pelos seus amigos. Paradoxalmente, a suposta busca do cadáver abre o horizonte da experiência de que o Crucificado está vivo, ou seja, Ressuscitado. A partir desse momento-experiencial, a comunidade *re-visita* o sepulcro vazio e sente a necessidade de *re-ver* e *re-pensar* o caminho feito por Jesus Cristo até a cruz.

Tal caminho iniciado tem como referência o começo de sua vida pública. O texto paradigmático sempre colocado pela liturgia da Igreja no início do tempo quaresmal é Mt 4,1-11, o qual versa sobre as tentações de Jesus Cristo. Nesse sentido, a Quaresma é uma interpretação-compreensiva do caminhar do homem peregrino de Nazaré da Galileia, que fez uma caminhada até Jerusalém. Essa hermenêutica-cognitiva experienciada pela comunidade primitiva na

mediação da fé cristológica é o que fundamenta a espiritualidade litúrgica típica da Quaresma celebrada na Igreja. É desde esse pano de fundo que a Igreja foi elaborando progressivamente o conteúdo teológico-espiritual-litúrgico do período quaresmal.

Sem sombra de dúvida que a espiritualidade da Vida Religiosa Consagrada, na riqueza das suas mais variadas expressões, deve estar sintonizada com a espiritualidade quaresmal. Primeiro, por ser uma tipologia espiritual que nos remete ao caminho de Jesus Cristo na direção de responder à vontade do Pai na perspectiva do Reino de Deus. Segundo, por ter sido assimilada e proposta pela Igreja como memória viva celebrada todos os anos no ciclo litúrgico-celebrativo, especialmente no contexto da *celebração eucarística*. Assim, a espiritualidade quaresmal passa a ser uma convocação para que a VRC seja um caminho de peregrinação no arco da opção radical pelo Reino de Deus e para que, ao longo de tal caminhar, os(as) religiosos(as) façam o exercício de discernir constantemente os sinais de Deus na vida do povo sofrido que espera um futuro histórico diferente que indique para o futuro definitivo pertencente ao desígnio amoroso de Deus. Aqui salta à vista a simbologia espiritual em torno da espiritualidade do deserto.

O ponto iniciático da peregrinação de Jesus Cristo re-interpretado pela Igreja no contexto celebrativo-litúrgico, além de outros elementos, acentua o aspecto da tentação experienciada por ele no deserto (Mt 4,1-11). Do ponto de vista teológico-espiritual, as tentações de Jesus Cristo querem indicar que sua humanização não é um mito, lenda, fantasia, mas uma realidade humana que expressa o seu compromisso de solidariedade com as várias formas de tentação que fazem parte da vida do ser humano. As tentações acontecem na fronteira entre o bem e o mal que caracteriza o dilema, ambiguidade e mesmo contradição humana, já que graça-pecado faz parte de sua estrutura antropológica. A questão do bem-mal, nesse caso, não é de cunho metafísico, senão histórico-existencial. Ou seja, não se trata de uma aporia abstrativa, mas de uma realidade antropológico-existencial

que perpassa o ser humano na sua mais profunda identidade. Consequentemente, os(as) religiosos(as) do nosso tempo deveriam perguntar quais são as tentações que no momento histórico atual, levando em conta a demanda cultural-religiosa, socioeconômico-política, aparecem como desafios à fidelidade ao Reino de Jesus Cristo.

O lugar teológico-antropológico das tentações é o deserto, outro símbolo mistagógico da Quaresma que nos provoca a sair do comodismo, do sedentarismo, deixando-nos conduzir pela dinâmica do êxodo-quaresmal. Claro, porque ir ao deserto não é um movimento casual, mas uma *de-cisão*, isto é, uma ruptura com os esquemas de conforto, privilégio, favorecimento ilícito, de tirar proveito, enfim, de desfrutar daquilo que posso em conformidade com os meus antojos. Do ponto de vista mistagógico, a espiritualidade litúrgica da Quaresma convoca a um desinstalar-se num constante movimento dinâmico de ida ao deserto ao encontro daqueles que foram empurrados às situações desérticas. Assim, os(as) religiosos(as) no período quaresmal são convocados a ir ao deserto da pobreza, empobrecimento, miséria, exclusão, fome, enfermidade, abandono humano, destruição ecológica, o qual reproduz o caos que ameaça destruir a vida qualificada pelo amor de Deus.

Vida Religiosa Consagrada e Advento-Natal-Epifania

Assim como a Quaresma está em função da Páscoa e de Pentecostes, o Advento orienta para o Natal desdobrado na Epifania do Menino nascido no estábulo. Esses três momentos litúrgico-celebrativos da Igreja concentram uma profunda espiritualidade, cujo conteúdo é a divindade de Jesus Cristo expressa na sua originalidade humana. Assim, na sua transparência humana transparece, num formato totalmente lúcido e diáfano, a divindade. Em Jesus Cristo, a mediação humana é recuperada definitivamente como sendo o lugar por excelência da epifania do divino. Humanizar significa divinizar-se e divinizar significa humanizar-se. E

sua humanização é sóbria, singela, simples, austera, despojada, pobre, pois acontece no humano totalmente vazio de suntuosidade, jactância, ostentação, orgulho, arrogância, prepotência. Enfim, o divino se torna epifania no limite da fragilidade total do Menino do Presépio, sacramento por antonomásia do inefável mistério divino que se humanizou nele. O Novo Testamento teologizou a beleza do mistério e o mistério na sua beleza nos denominados Evangelhos da infância de Jesus Cristo no contexto da comunidade mateana e lucana. Por sua vez, a Igreja, sendo fiel a essa linda

Tst2ovoanpoo Testa me9(s)-1.2(m)-23(24(b)4.7(r)-38(i)-11.5(a

da luz, transluz a luz; ele é a luz. A luz é transluzente, isto é, comunicadora da luz que dissipa as trevas. Por isso a teologia lucana focaliza o sinal sacramental na pequenez frágil do nascimento de uma criança: “E isto vos servirá de sinal: encontrareis um recém-nascido, envolto em faixas e deitado numa manjedoura” (Lc 2,12). O recém-nascido é o foco vital que dá à vida a sua real e definitiva significância. O Natal do Menino do presépio é o compromisso do Deus-Pai com o natal da humanidade num incomparável parto de amor a serviço da vida. Ele é expressão epifânica da vida de Deus agora introjetada na história humana, na sua cultura, religião, no seu ambiente sociopolítico-econômico. Assim, Advento-Natal-Epifania, como três momentos litúrgicos da fé da Igreja, se implicam mutuamente como conteúdo celebrativo que tem como fundamento a necessidade de se afirmar que Jesus Cristo teve uma origem histórica na mediação de tudo aquilo que o mundo possui como possibilidade da manifestação do divino.

A VRC, através de todas as comunidades que a representam e a encarnam no cotidiano da vida em estreitíssima comunhão com a espiritualidade litúrgica da Igreja, é convidada a mergulhar todos os anos nessa genuína experiência cültico-celebrativa. Para tanto, a teologia da Vida Religiosa Consagrada e sua espiritualidade nos ensinam que não nos consagramos em função de nós mesmos. Consagrar-se, do ponto de vista bíblico-teológico, significa comungar e participar da própria vida de Deus. Por sua vez, comungar e participar da vida de Deus tem como implicância comungar e participar da vida dos pobres-empobrecidos-excluídos. Tal pertinência da consagração se expressa na mediação do voto de pobreza e faz com que este não seja um gesto à toa, mas algo assimilado na ação missionária. Essa atitude de pobreza dos(as) religiosos(as) sintoniza a VRC com a pobreza assumida e assimilada pelo Menino do presépio, o qual, ao crescer “em estatura e em graça diante de Deus”, jamais se distanciou desse jeito pobre de viver. Também não obedeceu a ninguém, nem a nenhum tipo de legalismo, para obedecer exclusivamente à vontade do Pai. Afetivamente, não

13. Este lindo horizonte foi preconcizado da seguinte forma pelo XI Concílio de Toledo (675): *Quod si semper Pater fuit, semper habuit Filium, cui Pater esset* (= Eterno, pois, é o Pai, eterno também o Filho; porque se sempre foi Pai, sempre teve Filho, de quem era Pai). Desta maneira, o Filho nasceu sem início do Pai, isto é, *de Patre natum sine initio*. Outra afirmação desse Concílio conjuga no mistério de Deus a plenitude humana da paternidade-maternidade como mediação eterna da comunhão do Filho com o Pai: *De patris utero, id est, de substantia eius idem Filius genitus vel natus* = o Filho foi gerado ou nasceu do seio materno do Pai, vale dizer: de sua substância”. Cf. DS 526.

se vinculou de forma exclusiva a ninguém e a nada para que assim pudesse servir a todos de maneira inclusiva, preferencialmente aos pobres-empobrecidos-excluídos no contexto histórico de sua experiência de Deus.

Nesta época de Modernidade e Pós-Modernidade, a nós corresponde traduzir a tipologia da experiência de Deus própria da VRC em advento que traz nas suas entranhas a esperança do Menino que vai chegando. E ele vai chegando nascido da carne-sangue da humanidade lindamente evidenciada na figura da mulher; como se afirma categoricamente: “nascido de mulher” (Gl 4,4). Numa cultura onde o hábito era colocar a dimensão masculina do humano como mediação excelente e preferida da revelação de Deus, aqui se suplanta e extrapola esse clichê cultural, pois a feminilidade da mulher passa a ser a mediação que excelentemente comunica o mistério humanizado de Deus. A figura de Maria de Nazaré grávida simboliza a humanidade plenamente representada na sua expressão propriamente feminina. À medida que se aproxima o momento do parto, se avizinha a realização histórica do parto humano-do-divino na pessoa do Menino que vai nascer. O parto humano-do-divino na pessoa do Menino *re-aliza* e *re-abre* em definitivo o parto divino-do-humano, já que toda a humanidade agora pode *re-nascer* de Deus em analogia ao Filho que eternamente foi engendrado pelo Pai.¹³

Mais do que nunca, é urgente que a VRC continue sendo uma experiência natalícia, vale dizer, identificada e comprometida com a vida, abraçando-a sempre com a devida ternura materno-paternal e paterno-maternal. E isso somente se consegue num profundo processo de identificação comprometedor com o Natal do Menino-Deus na mediação da misteriosa participação de Maria-Mulher. Essa participação em tal enlace amoroso é resultante da incondicional gratuidade do Deus eternamente paterno-maternal e materno-paternal. Como vemos, só existe natal se existir o parto como momento de anterioridade. O parto é *condictio sine qua non* para o natal, o qual é a vida na sua vitalidade existencial, terna, frágil, que pede cuidado, atenção, zelo,

pastoreio, aconchego no tempo-espço do contexto histórico. O parto é diametralmente oposição frontal a todas as “formas de aborto” que impedem que a vida nasça no tempo-espço da existência histórica com os devidos meios que a possam qualificar.

O parto é o momento decisivo que propicia o Natal e, deste, se inaugura a Epifania, ou seja, a manifestação pujante da vitalidade da vida na existência histórica do Menino Deus que se evidencia. Aqui vale a pena pensar e meditar, refletir e contemplar a beleza da espiritualidade epifânica, a qual é resultante de uma profunda experiência feita pela Igreja primitiva. Esse conteúdo foi lindamente elaborado pela comunidade mateana, cujo texto correspondente é Mt 2,1-12. O Menino da gruta se manifesta no anonimato de uns tais magos que são iluminados pela luz. Claro está que um Menino não nascido em berço de ouro não poderia manifestar-se para pessoas vindas dos palácios dos reis, pois não nasceu num palácio de rei, senão num estábulo, lugar onde se recolhe os animais para passarem a noite. E, mais precisamente, ao nascer foi colocado no cocho, onde comem os animais. É impressionante que isso seja assim. Deus de fato nos desconcerta. O Deus de Jesus Cristo é diferente. Na cultura da Bíblia ninguém deve ser tratado como anônimo, por isso a Igreja, na sua sensibilidade materna, “batiza” os magos, dando-lhes nomes. Dessa forma, eles podem representar o jeito de ser Igreja para que possamos chegar até o Menino-do-cocho. É muito triste dizer, mas verificamos que meninos e meninas continuam nascendo em cochos em plena Modernidade-Pós-Moderna.

À diferença dos magos, outro é o lugar onde se encontra o rei Herodes. Do lugar do palácio ele também deseja ver o Menino Deus, mas os seus interesses de ver são alheios à forma como se deve buscar vê-lo, a exemplo dos magos. Estes, após se encontrarem com o Menino-do-cocho, voltam por outro caminho, o qual não passa pelo lugar onde se encontra o rei Herodes; do lugar de Herodes não se consegue chegar ao Menino da gruta de Belém. O palácio de Herodes é o lugar da concentração do poder dos soberbos deste

mundo afastados de Deus, por isso esclerosados; o cocho do Menino Deus é o lugar do poder colocado a serviço dos pobres. O palácio de Herodes é o lugar da empáfia da riqueza idolatrada e colocada no lugar de Deus; o cocho do Menino é o lugar da singeleza onde o amor de Deus é a riqueza por excelência. O palácio de Herodes é o lugar dos interesses nefastos e opostos ao desígnio de Deus; o cocho do Menino é o lugar onde se cumpre a vontade de Deus que promove a vida dos pobres. O palácio de Herodes é o lugar da morte vingativa que mata meninos inocentes e indefesos; o cocho do Menino é o lugar da epifania definitiva da misericórdia amorosa de Deus que exalta os humildes, derruba os poderosos dos seus tronos e despede os ricos de mãos vazias (cf. Lc 1,51-53).

Essa oposição diametral entre o Menino e Herodes, entre o cocho e o palácio, aponta para a necessidade urgente de se optar por uma proposta ou por outra. Não é possível ficar na indiferença duvidosa ou indecisiva, já que não existe neutralidade diante da proposta da construção do Reino de Deus. Aqui a VRC, na pessoa de tantos(as) religiosos(as) que, na mediação martirial, deram a vida por causa do seu compromisso com os pobres-empobrecidos-excluídos na expressão da santidade-profética, deve continuar sendo *martyria*.

Conclusão

O caminho da experiência de Deus feito por tantas pessoas na tradição secular da VRC é inseparável da Igreja e do mundo por ser algo que se experiencia na dinâmica mesma da história onde Deus se revela. Na experiência da fé da Igreja, tal revelação de Deus passa pela mediação decisiva da Palavra encarnada e celebrada na liturgia. A celebração litúrgica é a comunicação no formato cúltico e em sua expressão rito-sacramental da Revelação de Deus através de sua Palavra. Por isso o sacramento conduz à Palavra e esta conduz ao sacramento.

Ao longo desta reflexão, tivemos a intenção de relacionar a experiência de Deus concentrada na VRC com

determinados tempos fortes da liturgia da Igreja. Deduzimos daí que celebrar tais tempos litúrgicos em sintonia com a espiritualidade litúrgica da mesma Igreja pode servir de critério para saber se o carisma-espiritualidade de cada Ordem religiosa, Congregação, Instituto ou Comunidade religiosa responde àquilo que é a nossa missão no mundo de hoje.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Como destacar a importância da espiritualidade litúrgico-celebrativa como experiência de fé feita pela Igreja na relação unidade-pluralidade?
2. Como relacionar a espiritualidade da VRC com o Mistério Pascal, sendo este fonte e foco da experiência cristã de Deus?
3. Em que medida a VRC pode ser expressão do Advento-Natal-Epifania?

Espiritualidade e teologia do Sagrado Coração de Jesus: uma leitura atualizada

EILEEN FITZGERALD, SSCJ*

Introdução

Para realizar uma leitura atualizada da espiritualidade e da teologia do Coração de Jesus, é necessário empreender um recorrido histórico e analítico. Vamos iniciá-lo situando o uso do termo “espiritualidade” em relação ao Coração de Jesus. Daí esboçaremos as linhas principais da história da espiritualidade do Coração de Jesus, que acena à história “Pré-Moderna” e retoma a “herança moderna” a partir de Santa Margarida Maria Alacoque. Finalmente, consideraremos algumas das dificuldades e reflexões teológicas que surgiram a propósito da herança moderna, e que abrem caminhos para novas interpretações.

Por que falamos da espiritualidade do Coração de Jesus?

“De certo, a história da devoção ao Sagrado Coração está encarnada em condicionamentos humanos e temporais que são, por natureza, mutantes.”¹ Nossa linguagem para falar do Coração de Jesus vai evoluindo de acordo com as luzes de cada época, num esforço para expressar com maior autenticidade o cerne deste dom para a humanidade.

Ao longo da história da piedade popular em torno do Coração de Jesus, foram utilizados os termos “culto” e “devoção” para se referir ao conjunto de práticas rituais e devocionais que a acompanhavam. Mas, a partir dos renovados estudos sobre o Coração de Jesus no século XX, há uma tendência de privilegiar o termo “espiritualidade”.

* **Eileen FitzGerald** é religiosa das Servas do Sagrado Coração de Jesus e realizou os estudos de pós-graduação em Teologia na FAJE, Belo Horizonte. É professora de Teologia Sistemática na Universidade Católica Boliviana. **Endereço da autora:** Casilla 13, Cochabamba, Bolívia. **E-mail:** eileenaci@gmail.com.

1. KOLVENBACH, A espiritualidade do Coração de Jesus, p. 28.

Compreendemos a vida espiritual como a totalidade de uma vida, na medida em que é motivada e determinada pelo Espírito de Deus. A espiritualidade se trata de um *valor central* dentro da fé cristã suscitado pelo Espírito, que por sua vez inspira certas atitudes e um “estilo” que integra *todos* os aspectos da vida. Procura-se tomar distância da noção incompleta que o termo “devoção” possa sugerir, de um determinado “compartimento” da vida estruturada em isoladas práticas específicas, pois a mesma pessoa pode seguir uma pluralidade de devoções.²

Peter-Hans Kolvenbach aponta para a espiritualidade do Sagrado Coração como *centrado* no aprofundamento do amor do Senhor, que suscita um diálogo “coração a coração” e conduz a uma doação *total* de si. Diante dessa perspectiva, qualquer prática formal tem um valor relativo:

Nenhuma fórmula de consagração, nenhuma prática de devoção pode por si mesma produzir o menor crescimento no amor de Cristo: todas estas fórmulas valem o que vale o coração, respondendo ao convite de entrar, degrau por degrau, sempre mais avante no mistério do lado aberto. Nenhuma das expressões da devoção ao Coração de Jesus é um fim em si. Todas possuem [...] um valor pedagógico.³

Mesmo assim, para tratar da história moderna do seguimento de Jesus a partir do símbolo de seu coração, são precisamente as práticas devocionais que vão nos guiar, porque têm constituído os elementos estruturantes dessa espiritualidade. Mas antes de tal consideração vamos começar com a história Pré-Moderna da atenção amorosa ao Coração de Jesus.

Breve recorrido da história da espiritualidade do Coração de Jesus

Uma das dificuldades assinaladas na compreensão da espiritualidade do Coração de Jesus na nossa Época Contemporânea é o esquecimento de sua “pré-história”.⁴ A ideia de que esta espiritualidade começou com Santa Margarida

2. TESSAROLO, *Theologia cordis*; p. 17-19. ROBERTO, H. B. Discurso de abertura do Congresso do Sagrado Coração de Jesus. In: *Conferências do I Congresso Nacional de Espiritualidade do Coração de Jesus*; p. 10-17. BERNARD, *La spiritualità del Cuore di Cristo*, p. 21-22.
3. KOLVENBACH, *A espiritualidade do Coração de Jesus*, p. 32. Cf. p. 29-32.
4. GUTZWILLER, R. Dificuldades. In: STIERLI, *Cor Salvatoris*, p. 50. GLOTIN, *Le coeur de Jésus; approches anciennes et nouvelles*, p. 37.

Maria no século XVII tem contribuído para o seu estreitamento nas práticas ordenadas e formas fixas a partir de sua experiência em Paray-le-Monial. No entanto, na época patrística podemos encontrar uma rica veia de espiritualidade que vai se articulando em torno do lado transpassado de Jesus e dos bens salvadores que daí decorrem. Na época medieval e nos inícios da Época Moderna, destaca-se uma sensibilidade mais subjetiva para com a humanidade de Jesus, centrada no seu Coração e nas respostas concretas que desperta em nós.

A espiritualidade do Coração de Jesus antes de Santa Margarida Maria

Na época patrística, o título “o Transpassado” se tornou uma verdadeira síntese cristológica e soteriológica.⁵ A água e o sangue que fluíram do lado de Cristo na cruz (cf. Jo 19,34) foram interpretados em termos do Batismo e da Eucaristia, sacramentos que constituem a base da Igreja, e a leitura eclesial foi reforçada na percepção da Igreja como a segunda Eva que nasce do lado do segundo Adão. Alguns textos do Antigo Testamento foram relacionados com os sentimentos do Coração de Jesus: Sl 22,15; 69,21; Ct 4,9 (*Vulgata*).⁶

Clemente de Alexandria e Santo Agostinho escreveram sobre o tema de corresponder com amor a Deus que nos ama, de devolver amor por amor, respondendo ao amor recebido com nosso amor num espírito de gratidão e gratuidade. Outra dimensão dessa correspondência no amor consiste na consciência de nossas faltas ao respeito, que suscita em nós sentimentos de arrependimento e desejos de “compensar” nossa ingratidão, ao estilo de Zaqueu e Pedro (cf. Lc 19,1-10; Jo 21,15-17).⁷ Essa ideia de retorno de amor (*redamatio*) foi explicitada posteriormente como resposta de nosso coração ao amor de Deus encarnado no coração de seu Filho. Está na base do conceito “reparação” em relação ao Coração de Jesus, tanto como um simples retorno de amor quanto como uma espécie de “ressarcimento” das faltas de amor próprias e alheias. Hilário de Poitiers doou

5. LLAMAS, El Traspasado: un título cristológico en el Cristianismo primitivo, p. 115.

6. JOÃO CRISÓSTOMO, JUSTINO e AGOSTINHO. Citados in: TESSAROLO, *Theologia cordis*;..., p. 9-10, 33-34. STIERLI, El culto al corazón de Jesús. In: Id. *Cor Salvatoris*, p. 116.

7. CLEMENTE DE ALEXANDRIA. *El Pedagogo* I, 3,9,1. In: *Fuentes patristicas* 5. AGOSTINHO. In *1 Jo* 7,7. Citado in: GLOTTIN, *Réparation*, in: *DS*, col. 377. Cf. col. 374.

outro matiz específico à *redamatio*: a “con-dolência”, entendida como uma participação ativa e solidária nos sofrimentos de Jesus na sua Paixão.⁸

A ideia da *redamatio* como compaixão para com Jesus aprofundou-se na Época Medieval, chegando a seu auge em figuras como Francisco de Assis, que levou sinais da Paixão no seu próprio corpo. Explicitava-se a ferida no lado de Jesus como reveladora de seu coração propriamente, de seus sentimentos e desejos mais íntimos e dos bens da salvação. Entre as místicas do Coração de Jesus desenvolvia-se o aspecto vicário da *redamatio*, amando a Jesus no lugar daqueles que não o amam ou o amam pouco, através da oração e do serviço ao próximo. Sua intercessão reparadora foi unida à oferenda eucarística e ia assumindo a linguagem da expiação: união com Cristo no seu sacrifício que obteve a redenção da humanidade de sua escravidão ao pecado, mediante a oferenda de si mesma(o) como vítima, a oferenda dos sofrimentos da vida e das penitências assumidas.⁹

Esses aspectos da espiritualidade do Coração de Jesus se mantinham nos inícios da Época Moderna, com certas ênfases próprias. Houve uma interiorização do olhar reparador, com um deslocamento do centro da atenção do Calvário ao Getsêmani, onde se sentia grande compaixão por Jesus e o desejo de o consolar.¹⁰ Houve também um crescente vínculo entre a espiritualidade vitimal e a adoração ao Santíssimo Sacramento. Esta foi entendida como expiadora dos pecados e aplacadora da “cólera divina”, sem perder suas dimensões de gratidão e de amor que “supre” as faltas do mesmo.

A espiritualidade moderna do Coração de Jesus e sua herança

Na França do século XVII coexistiam duas correntes espirituais que por sua vez deram à luz duas formas de devoção ao Coração de Jesus. Em primeiro lugar, a “escola francesa”, na qual se formou São João Eudes, que conduziu a um estilo de adoração silenciosa, de contemplação do amor de Jesus ao Pai e de união mística, com traços um tanto especulativos.

8. HILÁRIO DE POITIERS.

In Psalmum, LXVIII. Citado in: MARTÍNEZ-GAYOL, N.

Prehistoria de la espiritualidad reparadora: patristica y Edad Media. In: Id. (dir.). *Retorno de amor*; teología, historia y espiritualidad de la reparación, p. 130.

9. GLOTIN,

Réparation, col.

410, 381. STIERLI,

11. J. B. LIBANIO, O amor misericordioso do coração de Cristo e a libertação integral do homem. In: Conferências..., p. 88-89.

12. Citada in: STIERLI, El desarrollo del culto litúrgico al corazón de Jesús en la Edad Moderna, in: *Cor Salvatoris*, p. 187.

13. ALACOQUE, M. M. Autobiografía, #74, p. 55. BAINVEL, *La dévotion au Sacré-Coeur de Jésus*; doctrine, histoire, p. 53.

14. AGOSTINI, Il Cuore di Gesù; storia, teologia, pratiche, promesse, p. 384-386. BAINVEL, *La dévotion au Sacré-Coeur de Jésus*; doctrine, histoire, p. 568-569.

Em segundo lugar, o “humanismo devoto” de São Francisco de Sales, que valorizava a bondade das obras de Deus e dirigia a atenção a seu amor e ternura. Santa Margarida Maria foi religiosa da Congregação da Visitação, que tinha sido fundada por ele e Santa Joana de Chantal. Sua escola conduziu a um estilo mais concretamente focado no coração de carne de Jesus e seus sentimentos, que nos convida a responder ao apelo de seu amor. Foi um estilo mais ativo e mais popular.¹¹ A mensagem do amor misericordioso de Deus oferecia consolo e esperança aos fiéis aterrorizados pelo Deus terrível e temível do jansenismo, e temperava a noção da “cólera” de Deus que exige “satisfações”.

As práticas típicas da espiritualidade moderna do Coração de Jesus provêm diretamente das experiências espirituais de Santa Margarida Maria. Podemos elencá-las como sendo a consagração ao Coração de Jesus, o culto à sua imagem, a hora santa, e o que Édouard Glotin descreve como a “mística da *sexta-feira*”. A santa descreveu o coração divino que se manifestou a ela “como num trono de chamas mais radiante que o sol e transparente como um cristal, com a sagrada chaga”, e “rodeado de uma coroa de espinhos, símbolo das feridas que lhe causaram nossos pecados, e por cima tinha uma cruz [...]”.¹² À veneração da imagem uniu-se a prática da consagração ao Coração de Jesus, pois a santa entendeu que Jesus queria estabelecer o reino de seu Sagrado Coração no coração dos seres humanos.¹³ Posteriormente, foram elaboradas as práticas da consagração de famílias junto à entronização do Sagrado Coração nas casas, bem como a consagração de países e do próprio gênero humano.¹⁴

Santa Margarida Maria entendeu que Jesus lhe pedia para realizar a hora santa cada quinta-feira, desde as 23 horas até meia-noite. Pedia-lhe para passar a hora prostrada, a fim de o acompanhar em sua agonia no Getsêmani, ainda atual por causa da ingratidão e indiferença de tantas pessoas diante do seu grande amor. A hora santa servia para acalmar a cólera divina, pedir misericórdia pelos pecadores e suprir suas ingratidões. A “mística da *sexta-feira*” consistia, por um lado, no convite de Jesus para a “comunhão reparadora”,

sobretudo na primeira *sexta-feira* do mês. Comungava-se em espírito de retorno de amor (*redamatio*) e com a intenção de “desagravar” as “ofensas” ao Coração de Jesus. Por outro lado, a santa recebeu a encomenda de conseguir a festa litúrgica do Sagrado Coração na Igreja universal na primeira *sexta-feira* depois da oitava do *Corpus Christi*, a qual finalmente foi concedida em 1856.

Houve alguns desenvolvimentos ou acréscimos nessas práticas nos séculos seguintes. A vivência do espírito reparador vinculava-se cada vez mais com a adoração ao Santíssimo Sacramento, prolongação da celebração da Eucaristia. Surgiram as práticas da adoração noturna e da adoração perpétua. O jesuíta Henri Ramière impulsou a implantação do “Reinado Social do Sagrado Coração de Jesus” no mundo mediante as consagrações ao Coração de Jesus e o estabelecimento “do reinado do amor sobre as ruínas do reinado do ódio e do egoísmo”.¹⁵ Organizou e propagou o Apostolado da Oração, dando-lhe o lema de *Adveniat Regnum Tuum*. Estimulou o projeto para a construção da Basílica ao Sagrado Coração em Montmartre, Paris, local de adoração perpétua. Trabalhou assiduamente para conseguir uma afirmação magisterial da realeza de Cristo. Condicionado pelos dramáticos acontecimentos históricos em Paris e Roma na década de 1870, sua visão da regeneração da sociedade formulou-se em termos da restauração da monarquia e dos direitos e privilégios pós-constantinos da Igreja.¹⁶ Outro desenvolvimento da espiritualidade do Coração de Jesus no século XIX foi uma crescente valorização do apostolado social (ajuda aos pobres, visitas aos doentes, a educação cristã etc.) como meio para estabelecer o reinado do Coração de Jesus e como prática reparadora.¹⁷

Apesar das dificuldades iniciais para a recepção da espiritualidade do Coração de Jesus que emanava de Paray-le-Monial, criticada em alguns círculos como uma “nova devoção”, acabou ganhando uma ampla difusão. Teve um enorme apelo popular, devido em grande medida às práticas simples que encarnavam os valores essenciais do amor do Coração de Jesus, e que ajudavam os fiéis a expressar sua

15. RAMIÈRE, H. Fragmento da obra “Le Règne Social du Coeur de Jésus”, Toulouse, 1892. Reproduzido da revista *Cristiandad*, jun. 1945. Disponível em: <www.templotibidabo.org/Devocion_CJ/reinado_social.htm>. Acesso em: 06 nov. 2007.

16. PARRA, L'apôtre du Coeur de Jésus. In: Id. et al., *Le Père Henri Ramière de la Compagnie de Jésus*, p. 112-113, 120, 124, 127. LIBANIO, In: *Conferências...*, p. 94-95.

17. GLOTIN, *Réparation*, col. 398-399.

fé nas circunstâncias concretas da vida. Tais práticas deram uma forma estável à devoção ao Coração de Jesus, de tal maneira que chegou a ser impossível separar a substância da mensagem do estilo de expressi-la.¹⁸ É esta a herança que perdura até os tempos atuais, o que tem sido confirmado em repetidas ocasiões pelo Magistério da Igreja.¹⁹ Mas está sujeita às críticas próprias de nossa época e por isso precisa de uma reinterpretação.

Críticas contemporâneas à espiritualidade do Coração de Jesus

À luz da experiência das duas guerras mundiais e dos progressos técnico-científicos do século XX, a geração mais “realista” começou a questionar a relevância do culto ao Coração de Jesus. Em alguns setores se considerou tal devoção não somente caduca como também objeto de ridículo. Os motivos para tais percepções foram vários.

Os valores modernos da subjetividade e da interioridade foram o berço no qual cresceu a espiritualidade do Coração de Jesus. Mais adiante no tempo apareceu uma tendência devocional intimista: “[...] exprimiu-se também sob formas menos felizes, com tonalidade extremamente piedosa e até mesmo piegas. Imagens do Coração de Jesus com traços femininos, cânticos sentimentais, orações melosas produziram, para uma sensibilidade mais crítica, rejeição e descrédito”.²⁰

Essa tendência, apoiada em uma imagem de Jesus excessivamente “manso” de coração (cf. Mt 11,29), foi criticada por reduzir a espiritualidade do Coração de Jesus a práticas superficiais sem compromisso social e, por conseguinte, fomentar atitudes de resignação passiva diante da injustiça. Os fiéis adeptos do Coração de Jesus foram vistos como partidários do *status quo* e das estruturas opressoras, não somente devido ao intimismo, mas também por causa da tendência milenarista vinculada com as forças conservadoras da sociedade. A tese milenarista dizia que o reinado do Sagrado Coração garantia o Reinado de Deus na terra. Constata-se que a emblemática do Coração de Jesus se vestia de traços

18. TESSAROLO, *Theologia cordis*, p. 12; VEALE, *Ignatian spirituality and devotion to the Sacred Heart*, p. 71-72.

19. As encíclicas principais que tratam da espiritualidade do Coração de Jesus são *Annum Sacrum* (Leão XIII, 1899), *Miserentissimus Redemptor* (Pio XI, 1928) e *Haurietis Aquas* (Pio XII, 1956). O tema reaparece em diversos escritos de Paulo VI, João Paulo II e Bento XVI.

20. LIBANIO, In: *Conferências...*, p. 93.

reais, pois o símbolo do sol que aparece nas descrições visuais do Coração de Jesus fazia eco ao “Rei-Sol”, Luís XIV, dos tempos de Santa Margarida Maria. Um esquema monárquico subjazia à lógica das práticas da devoção. Colocava-se em cena um “drama de reparação”, com um soberano, os súditos rebeldes e ingratos, as ameaças de castigos, o anúncio do reinado soberano apesar dos inimigos, e um “último remédio”, que é a reparação para “satisfazer” o soberano ofendido. A santa recebeu uma mensagem para Luís XIV, a fim de estabelecer o reino do Sagrado Coração na corte real. A ideia de ter a imagem do Coração de Jesus nos estandartes e armas de guerra como garantia de vitória perdurou desde aquele tempo até a Primeira Guerra Mundial. Na visão de Ramière, o papa e o rei eram para todos os efeitos os vigários de Cristo na terra. De fato, a realeza teve um papel significativo na expansão da espiritualidade do Coração de Jesus na Espanha e em Portugal. Desde Roma, Pio XI via a necessidade de reparar os danos causados pelo laicismo e compensar os direitos violados de Cristo Rei e de sua Igreja.²¹

O saudosismo de regimes regalistas e dos plenos direitos reais do papa, assim como a acomodação social e a estagnação, foram também alimentados pela tendência dolorista na espiritualidade do Coração de Jesus.²²

Os devotos do Coração de Jesus organizam novenas, adorações, comunhões, sacrifícios em vista de consolar e reparar ao Jesus que sofre no horto, na paixão, na morte. E hoje esse sofrimento e abandono é expressão pelo pouco caso que os fiéis têm pela presença eucarística. É o Jesus prisioneiro do sacrário.²³

Efetivamente, Jesus foi mantido numa detenção protetora para sua própria segurança. A essa presença divina correspondia a prática da adoração, na medida do possível perpétua, funcionando como uma guarda de honra. Tais ideias corriam o perigo de apresentar a caricatura de um Cristo sempre chorando e precisando de consolação. Isso, por sua vez, induzia a inclinações melancólicas, pessimismo,

21. BAINVEL, J. V. Coeur Sacré de Jésus [dévotion au], in: *Dictionnaire de théologie catholique*, p. 303. LIBANIO, In: Conferências..., p. 90, 93-95. LE BRUN, Marguerite-Marie (sainte), in: *DS*, col. 353-354. GLOTIN, Réparation, col. 403. PIO XI, *Quas primas* # 1, # 25, # 26, y Oración expiatoria al Sagrado Corazón de Jesús (al final de *Miserentissimus Redemptor*). In: GUERRERO (ed.), *El magisterio pontificio contemporáneo I*, p. 186, 193, 742-743.

22. HOLSTEIN, H. La dévotion au Coeur de Jésus et la spiritualité contemporaine. In: BEA (ed.), *Cor Jesu*, v. II: Pars historica et pastoralis, p. 330.

23. LIBANIO, In: Conferências..., p. 90-91.

288

24. MENDIZÁBAL, L. M. Líneas para una teología de la reparación. In: VEKEMENS (ed.), *Cor Christi*; historia, teología, espiritualidad y pastoral, p. 572. GUTZWILLER, Dificultades, p. 46. FERNÁNDEZ, M. J. Historia de la espiritualidad reparadora: Edad Moderna y Contemporánea. In: MARTÍNEZ-GAYOL (dir.), *Retorno de amor*; teología, historia y espiritualidad, p. 230, 260.

25. RAHNER, K. Algunas tesis para la teología del culto al corazón de Jesús. In: Id., *Escritos de teología III*, p. 375. Também: Sentido teológico da devoção ao Sagrado Coração de Jesus. In: Id., *Missão e graça III*, p. 107. Também: ¡Mira este corazón! In: Id., *Escritos de teología III*, p. 357-366. Também: Eterna significación de la humanidad de Jesús para nuestra relación con Dios. In:

sentimentos neuróticos de culpa, fuga do mundo e uma mística unilateral da cruz. A polaridade Igreja-mundo colocava a ênfase nos pecados dos “outros”. Por isso a espiritualidade reparadora podia levar a uma espécie de farisaísmo e um esquecimento da solidariedade de todos no pecado.²⁴ Outras vozes críticas apontaram às frágeis bases bíblicas para os temas do Coração de Jesus e da reparação.

As críticas de natureza espiritual-pastoral à herança moderna da espiritualidade do Coração de Jesus suscitaram novos estudos sobre o tema. Os frutos dessas investigações provocaram críticas de natureza bem mais teológica, que por sua vez oferecem pistas para aprofundar na teologia do Coração de Jesus.

Reflexões teológicas sobre o Coração de Jesus

A crise na espiritualidade do Coração de Jesus no século XX estimulou estudos a propósito de natureza bíblica e patrística. Recuperou-se a “pré-história” dessa espiritualidade e seus valores originários, liberando-a dos confins do “único” esquema de Paray-le-Monial. Afirmou-se o seu enraizamento desde os inícios na Sagrada Escritura, sobretudo em Jo 7,37-39; 19,34-37 e textos afins. Realizaram-se estudos sobre a antropologia do coração e a teologia deste símbolo. Para além do sentimentalismo ou superficialidade, confirma-se o coração como o centro originário, íntimo e integrador da pessoa. Daí compreendemos que adoramos o amor de Deus que se oferece desde o centro pessoal de Jesus. E seu coração é o centro mediador que nos dá acesso a Deus.²⁵

A iluminação de outras investigações contemporâneas também tem contribuído para a elucidação de algumas questões teológicas na espiritualidade do Coração de Jesus. Os movimentos litúrgico e teológico deslocaram o polo da piedade centrada na hóstia consagrada, recuperando a centralidade do Mistério Pascal na fé cristã. Por consequência, o aspecto dolorista da devoção perde sua relevância, pois a

ressurreição de Jesus anuncia a vitória do amor sobre o pecado e a morte. Deram-se passos também para a superação da rejeição do mundo como lugar do mal.²⁶

A compreensão da natureza do ato de reparação não é unívoca. Glotin faz uma distinção rigorosa entre a *redamatio*, o retorno de amor, e a *reparatio humanae naturae*, a reparação da natureza humana deformada pelo pecado através do sacrifício de Cristo. Para ele, a espiritualidade do Coração de Jesus tem lugar apenas no campo da *redamatio*. Trata-se de nossa resposta ao *agape* de Jesus, que se torna “*redamatio reparadora*” enquanto o nosso amor “repara” as ingratidões e ultrajes que recebe de tantas pessoas. O ato de reparação dirige-se diretamente ao Coração de Jesus. Pode expressar-se na ação de graças, na intercessão, no louvor, no sofrimento oferecido e até na ação apostólica. Trata-se de uma compaixão amorosa para com Jesus na sua Paixão, de consolação.²⁷

Em resposta ao estreitamento no *corpus physicum* de Jesus no Getsêmani, outra corrente de reflexão teológica recupera a dimensão do *corpus mysticum* e inverte a perspectiva sobre a consolação. Karl Rahner aconselha que a explícita intenção de consolar o Senhor na sua Paixão não se deve contar entre os elementos constitutivos do culto ao Coração de Jesus.²⁸ É mais bem Jesus Ressuscitado quem dá consolo a nós, e assim fortalecidos podemos consolar outras pessoas, ou seja, consolar Jesus *no seu corpo místico*.

Nos escritos de Santa Margarida Maria, a linguagem dos “desagravos”, “sacrifícios” e de se tornar “vítima de imolação” tem sido compreendida em termos de oferecer o holocausto de si mesmo(a) unido ao de Jesus na Eucaristia por um lado, de oferecer “satisfação” ao Coração de Jesus por outro. A palavra *réparation*, em francês, vinha sendo traduzida como “expição” em outros idiomas e surgiu a expressão “vítimas de expiação”. Esses termos têm matizes que não podemos explorar neste artigo por causa das limitações do espaço, mas constatamos que Glotin rejeita toda essa terminologia no contexto da espiritualidade do Coração de Jesus, enquanto Rahner aconselha moderação pastoral no seu uso. Para além de qualquer dimensão penitencial ou

Id., *Escritos de teología III*, p. 47-59.

Também: Para uma teología del símbolo. In: Id., *Escritos de teología IV*, p. 283-321.

26. LIBANIO, *Conferências...*, p. 91.

27. GLOTIN, *Réparation*, col. 374, 392, 398-404, 409-412. Também: *Le coeur de Jésus; approches anciennes et nouvelles*, p. 163-164, 176.

28. RAHNER, *Algunas tesis para la teología del culto al corazón de Jesús*, p. 388-390.

voluntarista, Rahner reinterpreta a hora santa e a comunhão reparadora ao considerar nosso ato de reparação (ou expiação) como atitude vital de participação do destino de Cristo e de seu corpo místico, que pode integrar todos os atos da vida cristã, as quais se realizam “em Cristo Jesus”.²⁹

O objeto da devoção ao Coração de Jesus foi tema de debate ao longo dos últimos séculos, sendo aclarado por fim por Pio XII, ao dizer que o Coração de Jesus simboliza a totalidade de seu amor sensível, humano-espiritual e divino.³⁰ O objeto da reparação propriamente dito recebeu menos atenção. A fórmula “reparação ao Coração de Jesus” é corrente a partir da segunda metade do século XIX e está em coerência com a compreensão de Glotin da reparação como essencialmente consolação. Mas, na perspectiva que compreende a reparação como participação no Mistério Pascal de Jesus para a superação dos pecados do mundo, tal fórmula tem sido criticada por demonstrar uma falta de ordenação trinitária na espiritualidade do Sagrado Coração. Coloca Cristo como o centro e esquece de seu papel de *mediador* em direção ao Pai, o *per Christum ad Patrem* de nosso culto, no Espírito. Para Rahner, a fórmula deveria se expressar melhor em termos de reparar “com Cristo e em Cristo”.³¹

Uma consideração etimológica ilumina as limitações e possibilidades implicadas nessas teologias. Para Glotin, houve uma evolução semântica de *satisfactio* (termo do direito romano que significou “fazer o suficiente” para pagar uma dívida) em direção a *amende* (desagravo), chegando finalmente a *reparement* (entendido na esteira de Paray-le-Monial como resposta compensadora da ingratidão). Mas, para Jesús Solano, a palavra “reparação” provém foneticamente de seu homônimo *reparatio*. Esse termo abre ao sentido antropológico de consertar algo quebrado e sua tradução teológica em *reparatio humanae naturae*, e a outros conceitos afins, como redenção, reconciliação, restauração e reconstrução. Enquanto a satisfação se dirige apenas à pessoa ofendida, a reparação, segundo Solano, pode abraçar o sentido da *restitutio in integrum* de ambas as partes e da ordem violada.³²

29. Ibid., p. 384-385, 390-391.

30. PIO XII.

Haurietis Aquas, # 15-16. In: GUER-RERO (ed.), *El magisterio pontificio contemporáneo*, p. 809-810.

31. RAHNER, Algunas tesis para la teología del culto al corazón de Jesús, p. 379-380, 386; GUTZWILLER, Dificultades, p. 41.

32. GLOTIN, Réparation, col. 369-370. Também: Le coeur de Jésus; approches anciennes et nouvelles, p. 176-177 [texto y n. 36]. MOELL, *Vicarious reparation in relation to devotion to the Sacred Heart*, p. 21-22.

Diante dessas duas teologias da reparação, que parecem ser mutuamente exclusivas, de novo dirigimos a atenção aos escritos de Santa Margarida Maria. Seu desejo de “consolar” Jesus foi concretizado nos seus esforços para se assemelhar a ele nos seus sofrimentos, com a ideia implícita de assim se unir à sua oferenda de si ao Pai. Vemos um exemplo na seguinte transcrição do que ela entendeu como um pedido de Jesus: “Quero que te prostres a meus pés para pedir desculpas ao meu amor, oferecendo a meu Pai eterno o sacrifício sangrento da cruz para este efeito e oferecendo o teu ser para render homenagem ao meu e para reparar as indignidades que recebo”.³³

Deixamos para a reflexão da leitora e do leitor a “opção” entre essas duas teologias, ou, ainda, a possibilidade de incorporar ambas na sua compreensão da espiritualidade do Coração de Jesus. À luz do conjunto dessas reflexões teológicas, passamos agora a considerar elementos concretos para uma leitura atualizada dessa espiritualidade.

Pistas para uma leitura atualizada da espiritualidade do Coração de Jesus

O Coração de Jesus é espaço de acolhida, de abrigo, onde somos amadas(os) e convidadas(os) a entrar mais adentro. Nossas ofensas são absorvidas e transformadas, e nosso coração endurecido é transpassado pela graça da conversão. No desejo de que o nosso coração se assemelhe ao de Jesus, aprendemos a acolher outras pessoas, sobretudo as “inimigas”, neste espaço vital de amor caloroso. Atualizamos, assim, a experiência de Santa Margarida Maria e outras místicas da troca do próprio coração com o Coração de Jesus, o qual simboliza a permanência da estrutura encarnatória da graça em nós na nossa relação com Deus e com o mundo. Seremos amadas(os) no Coração de Jesus e reunidas(os) aí nos reconduz à experiência da celebração eucarística, que se prolonga na adoração. Vamos vislumbrando a dimensão cosmológica do Coração de Jesus, pois é o centro mediador da recapitulação de todas as coisas (cf. Ef 1,10).³⁴

33. Margarida Maria Alacoque. Citada em: LADAME, *Doutrina e espiritualidade de Santa Margarida Maria*, p. 82. Escritos por ordem de madre de Saumaise, # 29. ALACOQUE, *Autobiografia*, # 8-9, # 29, # 108, p. 13, 26, 78.

34. RAHNER, *Eterna significación de la humanidad de Jesús para nuestra relación con Dios*, p. 59. A dimensão cosmológica do coração de Jesus é acenada por autores como Pierre Teilhard de Chardin e Hans Urs von Balthasar. HAYES, *Symbols, devotions and Jesuits*, p. 32-39. CARRAUD, *Coração de Cristo*, in: *Dicionário crítico de teologia*, p. 460.

Nos discursos de João Paulo II na sua peregrinação a Paray-le-Monial em 1986, encontramos elementos antigos e novos. Por um lado, recomendou as práticas da hora santa e das “primeiras sextas-feiras”, numa afirmação de que

a espiritualidade renovada do Coração de Jesus se deve expressar em práticas; e sem com isso impor as palavras e as imagens, a forma e o modo de expressão, ele retém, de uma longa lista de práticas, o que permanece essencial: uma oração mais assídua para conhecer mais pelo interior, a partir do coração, as riquezas do Coração de Cristo, bem como uma participação generosa nos sacramentos da Penitência e da Eucaristia, a fim de se unir ao Coração de Jesus, ao seu ato de oferecimento e de reparação.³⁵

Por outro lado, João Paulo II especificou sua compreensão da encarnação do amor divino a partir da antropologia cristocêntrica de *Gaudium et Spes*. Explicou a resposta humana de reparação fazendo eco da linguagem de Ramière sobre o “Reinado Social do Coração de Jesus”, e incorporando uma categoria predileta dos últimos papas, a “civilização de amor”:

O Concílio Vaticano II, enquanto nos lembra que Cristo, Verbo Encarnado, nos “amou com um coração de homem”, assegura-nos que “a sua mensagem, longe de diminuir o homem, serve para o seu progresso infundindo luz, vida e liberdade e, fora dele, nada pode satisfazer o coração humano” (cf. *Gaudium et Spes*, n. 22-21). Junto ao Coração de Cristo, o coração do homem aprende a conhecer o valor de uma vida autenticamente cristã, a acautelar-se de determinadas perversões do coração humano, a unir o amor filial para com Deus ao amor do próximo. Assim – e é esta a verdadeira reparação pedida pelo Coração do Salvador –, sobre as ruínas acumuladas pelo ódio e pela violência poderá ser construída a civilização do amor tão desejada, o Reino do Coração de Cristo.³⁶

João Batista Libanio faz uma leitura da construção do Reino do Coração de Cristo em chave da caminhada do povo.

35. KOLVENBACH, A espiritualidade do Coração de Jesus, p. 35.

36. JOÃO PAULO II. Mensagem aos jesuítas. In: *Documentos da Igreja sobre o Sagrado Coração de Jesus*, p. 110.

Destaca o simbolismo profundamente espiritual do coração com suas dimensões de bondade, perdão e misericórdia, que se faz carne na história atual do povo:

A vida do povo oprimido está carregada de sofrimento e morte em profunda sintonia com o coração de Jesus, que não só se compadece de tal situação, mas também quis experimentá-la em sua vida terrestre e traduz agora simbolicamente na figura do coração coroado de espinhos. Esta vida não se contenta em deter-se no momento do sofrimento e morte, mas aspira à vida nova, simbolizada pelo sol, que envolve o coração de Cristo. A devoção ao S. Coração é o modo de manifestar a paixão amorosa de Cristo para com o povo pobre e a eficácia libertadora desse amor.³⁷

“O Coração ferido não significa a sacralização da dor, mas a santificação do sofrimento pelo amor”,³⁸ e nos invita a uma *redamatio*. A participação na agonia de Jesus e na sua alegria pascal impele a uma resposta ativa, sob a moção do Espírito e cheia de esperança. A consciência da proximidade e solidariedade de Jesus com os pobres os impulsiona para trabalhar por “um reinado de justiça, igualdade, fraternidade, liberdade, paz”,³⁹ que começa já na história e terá sua plena realização no futuro escatológico.

A compreensão da reparação no sentido mais amplo da palavra nos remete à experiência da francesa Catarina de Bar, fundadora da Congregação das Beneditinas da Adoração Perpétua do Santíssimo Sacramento e contemporânea de Santa Margarida Maria. Para ela, a reparação consiste na restauração da glória de Deus e na restauração da imagem de Deus no ser humano.⁴⁰ Permite-nos pensar em nossa “resposta ‘redamante’ e, portanto, reparadora, restauradora – no sentido paulino – da imagem do amor de Deus no homem”.⁴¹ O ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1,26-27), a qual fica deformada pelo pecado. Jesus veio não simplesmente para nos restaurar num “estado original”, mas para nos conformar à sua imagem (cf. Rm 8,29) e, assim, nos conduzir à plena realização de seu

37. LIBANIO, *Conférences...*, p. 100. Cf. p. 101.

38. KOLVENBACH, *A espiritualidade do Coração de Jesus*, p. 38.

39. LIBANIO, *Conférences...*, p. 102.

40. LECLERCQ, *Lumières nouvelles sur Catherine de Bar*, p. 400-402. Também: *Réparation et adoration dans la tradition monastique*, p. 33-34.

41. KOLVENBACH, *A espiritualidade do Coração de Jesus*, p. 38-39.

projeto (cf. Ef 1,4-10; Rm 8,19-23). Ao associar-nos à sua obra de reparação, em todas as suas dimensões, colaboramos na missão de conduzir toda a criação à sua plenitude.⁴²

Conclusão

Nosso recorrido pela história da espiritualidade do Coração de Jesus e pelas reflexões teológicas contemporâneas que a acompanham confirma a necessidade de “encontrar os meios mais adequados de apresentar e praticar [este culto], para que o homem de hoje, com a própria mentalidade e sensibilidade, descubra nele a verdadeira resposta às suas interrogações e às suas expectativas”.⁴³ A busca de uma nova linguagem, tanto verbal como visual, é um desafio perene. Precisa exprimir-se numa *re-inculturação* do símbolo do Coração de Jesus e numa boa adaptação das práticas tradicionais. Tal linguagem será condicionada pela teologia que a sustenta. Disso depende, por exemplo, a percepção da pertinência do empenho para construir o Reino de justiça e paz às “práticas” da espiritualidade do Coração de Jesus, e do valor pedagógico das mesmas.

O imenso amor de Deus que se nos manifesta no coração transpassado de seu Filho nos atrai a entrar cada vez mais nesse mistério e aprender a viver com mais profundidade o dinamismo do retorno de amor.

Bibliografia

AGOSTINI, Enrico. *Il Cuore di Gesù; storia, teologia, pratiche, promesse*. Bologna: Studentato delle Missioni, 1950.

ALACOQUE, Margarida Maria. *Autobiografia*. São Paulo: Loyola, 1985.

BAINVEL, J.V. *Coeur Sacré de Jésus (dévotion au)*. In: *Dictionnaire de Théologie Catholique*. tome III, 1ère partie, p. 271-351.

_____. *La dévotion au Sacre-Coeur de Jésus; doctrine, histoire*. Paris: Gabriel Beauchesne, 1919.

BEA, Agostino et al. (ed.). *Cor Jesu; commentationes in litteras encyclicas, “Haurietis aquas”*. Roma: Herder, 1959. v. I: Pars theologica; v. II: Pars historica et pastoralis.

42. FITZGERALD, *Camino a la plenitud*; para una teología de la reparación a la luz de la teología de la imagen, p. 330-331; 345-346.

43. JOÃO PAULO II, Mensagem aos jesuítas, p. 110.

- BERNARD, Charles André. *La spiritualità del Cuore di Cristo*. Milano: Paoline, 1989.
- CABASSUT, A. Coeurs (Changement des, Échange des). In: *Dictionnaire de Spiritualité*. tome II, col. 1046-1051.
- CARRAUD, Vincent. Coração de Cristo. In: *Dicionário crítico de teologia*. p. 458-461.
- CONFERÊNCIAS do I Congresso Nacional de Espiritualidade do Coração de Jesus; um coração novo para um mundo novo. São Paulo: Loyola, 1989.
- DOCUMENTOS da Igreja sobre o Sagrado Coração de Jesus. São Paulo: Loyola, 1988.
- FITZGERALD, Eileen. *Camino a la plenitud*; para una teología de la reparación a la luz de la teología de la imagen. Belo Horizonte: FAJE, 2009.
- FUENTES patrísticas 5. Madrid: Ciudad Nueva, 1994.
- GLOTIN, Édouard. *Le Coeur de Jésus: approches anciennes et nouvelles*. Bruxelles: Lessius, 2001.
- _____. Réparation. In: *DS*. T. XIII, col. 370-414.
- _____. Valeur catéchétique d'un signe symbolique: le coeur blesé de Jésus-Christ. *Lumen vitae* 16 (1961) 741-762.
- GUERRERO, Fernando (ed.). *El magisterio pontificio contemporáneo I*. Madrid: BAC, 1991.
- HAMON, Auguste. Coeur (Sacré). In: *DS*. tome II, col. 1023-1046.
- HAYES, James. Symbols, devotions and Jesuits. *Studies in the Spirituality of Jesuits* 20 (1988) 26-55.
- HOLSTEIN, Henri. La réparation envers le Sacré Coeur. *Christus* 15 (1957) 369-386.
- KOLVENBACH, Peter-Hans. A espiritualidade do coração de Jesus. *Itaici* (jun. 2001) 27-40. Tradução de sua conferência dirigida a jesuítas na cidade francesa de Paray-le-Monial no dia 2 de julho de 1988.
- LADAME, Jean. *Doutrina e espiritualidade de Santa Margarida Maria*. São Paulo: Loyola, 1985.
- LE BRUN, Jacques. Marguerite-Marie (sainte). In: *DS*. Tome X, col. 349-355.
- LECLERCQ, Jacques. Lumières nouvelles sur Catherine de Bar. *Studia Monastica* 20 (1978) 397-407.
- _____. Réparation et adoration dans la tradition monastique. *Studia Monastica* 26 (1984) 13-41.

- LLAMAS, Antonio. *El Triaspasado: un título cristológico en el Cristianismo primitivo. Naturaleza y Gracia* LIV (2007) 113-144.
- MARTÍNEZ-GAYOL, Nurya (dir.). *Retorno de amor: teología, historia y espiritualidad de la reparación*. Salamanca: Sígueme/Siervas Seglares de Jesucristo Sacerdote, 2008.
- O'HANLON, Gerard. Devotion to the heart of Christ: a theological reappraisal. *Milltown Studies* 24 (1989) 48-65.
- PARRA, Charles et al. *Le Père Henri Ramière de la Compagnie de Jésus*. Toulouse: Apostolat de la Prière, 1934.
- RAHNER, Karl. Algunas tesis para la teología del culto al corazón de Jesús. In: Id. *Escritos de teología III*. Madrid: Taurus, 1961.
- _____. Eterna significación de la humanidad de Jesús para nuestra relación con Dios. In: Id. *Escritos de teología III*. Madrid: Taurus, 1961.
- _____. ¡Mira este corazón! In: Id. *Escritos de teología III*. Madrid: Taurus, 1961.
- _____. Para una teología del símbolo. In: *Escritos de teología IV*. Madrid: Taurus, 1964.
- _____, Sentido teológico da devoção ao Sagrado Coração de Jesus. In: Id. *Missão e graça III*. Petrópolis: Vozes, 1965.
- SOLANO, Jesús. *Desarrollo histórico de la reparación en el culto al Corazón de Jesús; desde el siglo I hasta Santa Margarita María Alacoque*. Roma: Centro Cuore di Cristo, 1980.
- STIERLI, Josef. *Cor Salvatoris*. Barcelona: Herder, 1958.
- TESSAROLO, Andrea. *Theologia cordis; appunti di teologia e spiritualità del Cuore di Gesù*. Bologna: EDB, 1993.
- TOTH, Veremundo. *Por sinais ao invisível; o simbolismo de Santa Mectildes e Santa Gertrudes*. São Paulo: Abadia São Geraldo, 2003.
- VALLIN, Pierre. Ramière. In: *DS*. Tome XIII, col. 63-70.
- VEALE, Joseph. Ignatian spirituality and devotion to the Sacred Heart. *Milltown Studies* 24 (1989) 66-82.
- VEKEMENS, Roger (ed.). *Cor Christi; historia, teología, espiritualidad y pastoral*. Bogotá: Instituto Internacional del Corazón de Jesús, delegación latinoamericana, 1980.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Qual é a sua experiência pessoal e/ou comunitária da espiritualidade do Coração de Jesus?
2. Diante das teologias contrastantes de Glotin e Rahner, com qual você(s) se sintoniza(m)? Por quê?
3. No acompanhamento de grupos que bebem da espiritualidade do Coração de Jesus, quais passos concretos você(s) propõe(m) para que ela seja vivida com máxima autenticidade?

BERNARD LESTIENNE, SJ*

Introdução. O contexto da Laborem Exercens

O trabalho foi, é e sempre será um *elemento central* na vida das pessoas e na organização e funcionamento da sociedade. Ele é um tema privilegiado da Doutrina Social da Igreja (DSI). Em 1981, o Papa João Paulo II publicou uma encíclica toda centrada no tema do trabalho: *Laborem Exercens* (“O trabalho”). A encíclica apresenta uma síntese original e nova da DSI sobre o tema do trabalho. João Paulo II retoma temas clássicos e introduz temas novos, alguns discutidos pelos expertos.

A *Laborem Exercens* se situa num momento de *grandes mudanças* na economia mundial e no trabalho. O trabalho em 2011, celebrando os trinta anos da encíclica, evoluiu bastante e não é mais aquele que o Papa conheceu e viveu na Polônia. Houve *muito mais mudanças entre 1981 e 2011* do que nos trinta anos gloriosos anteriores. As transformações são tão profundas e rápidas que estudiosos da DSI acham que, fora alguns princípios gerais, a encíclica já está *ultrapassada*. Trinta anos de neoliberalismo mudaram o trabalho, bateram duro contra todos os setores da sociedade e modificaram a situação real do trabalho. *Muitos perderam*, salvo um grupo reduzido de donos dos meios sofisticados de produção, que souberam tirar vantagens das evoluções.

Num primeiro momento, voltaremos à *encíclica*. Veremos, depois, algumas *profundas mudanças globais* que modificam o trabalho. Num terceiro momento, analisaremos alguns elementos da *crise financeira e global* que impacta, atinge o

* **Padre Bernard Lestienne** é jesuíta, sociólogo, professor e pesquisador do Centro de Investição e Ação Social (CIAS) e do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento (Ibrades), assessor de movimentos populares e presidente da Rede Internacional de Jesuítas para o Desenvolvimento (IJND). **Endereço do autor:** SGAN Av. L2 – Norte – Quadra 601-B –, CEP 72830-010, Brasília-DF. **E-mail:** blestienne@ccbnet.org.br.

mundo do trabalho. Terminaremos com *uma síntese de várias dimensões* principais da natureza do trabalho hoje.

O Papa João Paulo II foi *eleito em outubro de 1978*. Fez uma primeira viagem à *Polónia em junho de 1979*, onde foi recebido pelo povo entusiasmado. Essa viagem deu um impulso a um novo sindicalismo, agrupado no *Solidarnosc*, que foi oficialmente criado em setembro de 1980 nos estaleiros de Gdansk, com a liderança de Lech Walesa. O Papa deu *todo apoio ao novo sindicalismo*. Via com bons olhos os movimentos sociais que lutavam para a defesa dos direitos sociais e trabalhistas, que procuravam acabar com os regimes comunistas na Europa Central e Oriental. Várias vezes líderes do sindicato foram visitar o Papa no Vaticano. Assim, a encíclica foi publicada num contexto de *profundas transformações geopolíticas*, das quais João Paulo II participou. Ela teve um real impacto, em particular nos PECO.¹

A encíclica, quase exclusivamente centrada na questão do trabalho, é o *documento referencial sobre o tema*. O tema do trabalho foi amplamente tratado na *Gaudium et Spes*, 1965. Parágrafos da *Gaudium et Spes* sobre o trabalho, a atividade humana, o trabalho feminino, são transcritos na *Laborem Exercens*.

Em 1981, o neoliberalismo estava em plena expansão. *Margaret Thatcher*, porta-estandarte do neoliberalismo, foi eleita primeira-ministra em Londres em maio de 1979, e *Ronald Reagan*, outro promotor incondicional do neoliberalismo, ascende à presidência dos EUA em janeiro de 1981. A década de 1980 foi decisiva no campo político (fim da divisão da Europa) e, na década de 1970, no campo da economia (*Consenso de Washington*, em novembro de 1989).

As duas crises do petróleo, de 1973 e 1979, tiveram um impacto na economia dos países pobres. Montanhas de dinheiro (os famosos petrodólares) enchiam os cofres dos bancos dos países mais ricos. Créditos baratos foram “distribuídos” a muitos países que, quando a taxa de juros subiu até mais de 22% (no tempo de Reagan), não conseguiram pagar e se endividaram. *O peso das dívidas* foi, e ainda é, um fator decisivo na manutenção desses países no subdesenvolvimento.

1. Países da Europa Central e Oriental. Trata-se, em particular, dos países europeus sob regimes comunistas.

De certa maneira, pode-se dizer que o papa escreve sua encíclica no final do período dos “30 anos gloriosos” (1945–1975) e no pleno desenvolvimento do neoliberalismo. Lá pela metade da década de 1970, a situação do trabalho começa a mudar. Neoliberalismo e novas tecnologias vão transformar a paisagem do mundo do trabalho.

É difícil avaliar o *impacto real* de uma encíclica. A acolhida foi boa na América Latina, mas recebeu críticas nos países industrializados, onde se questionou a distância entre o conteúdo do documento e a situação real da economia e do trabalho. Um dos primeiros efeitos (indiretos), e não o menor, foi o de alimentar os levantamentos cívicos nos PECO, que vão desembocar na queda, em novembro de 1989, do muro de Berlim, símbolo da divisão, durante a Guerra Fria, entre o Leste e o Oeste, entre o bloco liberal e o bloco soviético.

Transformações no mundo do trabalho nos trinta anos depois da encíclica

A partir do final da década de 1970, o neoliberalismo se generaliza. O *Consenso de Washington* é a sua verdadeira Carta Magna. Os encontros anuais de Davos (Suíça), que reúnem a “elite” mundial econômica e política para palpar e diagnosticar a “situação do mundo”, cultivam as virtudes do espírito neoliberal. O Brasil assina um número crescente de acordos bilaterais ou regionais (mais de setenta) de livre-comércio, seja com países/regiões da América Latina, seja com outros países e regiões do Sul.

O *neoliberalismo* pretende eliminar tudo o que dificulta o livre-comércio e promover a criação do *mercado mundial*, que se tornaria aos poucos o terreno privilegiado de atuação dos bancos e de empresas transnacionais. Entre os principais obstáculos ao mercado mundial, banqueiros e empresários mencionam as tarifas aduaneiras, a proteção social dos cidadãos pelos Estados, as organizações e mobilizações sindicais, sociais e populares, e toda forma de controle sobre os fluxos financeiros. O mercado se tornou o *novo deus* que resolverá

todos os problemas. Ele é a mão secreta “divina” que cuida dos interesses de cada um e de todos. A publicidade invasora alimenta a “ditadura do mercado”. “Tudo se vende, tudo se compra”: terra, água, vida, ar etc. O neoliberalismo traz no seu bojo uma necessidade de desregulação geral, não só das conquistas sociais, mas do conjunto das leis.

A partir da década de 1970, há um forte crescimento das *ciências e tecnologias*. Esse é um setor estratégico para o controle social, político, econômico, cultural e ambiental de amanhã. Imensos investimentos são orientados para os setores do *espaço*, das ciências da vida, da medicina, da energia, do transporte. O espírito de equipe é uma qualidade sempre mais indispensável. Há de questionar-se: aonde vão os frutos dos grandes avanços científicos e técnicos? A quem beneficiam?

No neoliberalismo, o *afã de lucro* aumenta a exploração do trabalhador. Há uma guerra violenta entre todos os produtores. A concorrência é permanente e torna-se mais dura. A lógica implícita do capital é “matar para não ser morto”! Para manter-se competitivas no mercado, as empresas reduzem os seus custos de produção. Automação, aceleração das cadeias de produção, redução dos salários e dos benefícios, desrespeito aos direitos trabalhistas são os caminhos frequentes mais comuns para manterem-se vivas. E isso vale tanto para as empresas transnacionais como para as grandes, médias e pequenas. Como em todas as guerras, há vencidos e vencedores. Há *muitas vítimas*, principalmente entre os mais fracos, os sem-defesa.

Há muitos ensaios para tentar “categorizar” os(as) trabalhadores(as). A tarefa é difícil, pois a diversidade é grande. Podemos distinguir *quatro grupos*: 1) um *núcleo central*, reduzido, de trabalhadores qualificados, bem integrados, com boa proteção legal e social, e certa estabilidade no emprego; 2) a “infantaria da produção”: os peões, numerosos, com pouca especialização e reduzida capacidade de adaptação, com contrato, mas facilmente substituídos; 3) *os periféricos*, numerosos também, sem contrato, prestadores de pequenos serviços, pagos por tarefa ou tempo de trabalho,

sem proteção social. À margem do mercado de trabalho encontram-se, ainda, os “supérfluos, descartáveis, inúteis”, que nem buscam mais a sua *re*-inserção. Procuram apenas sobreviver.²

Outro fator essencial na transformação do mundo de trabalho é o das *novas tecnologias*. Aqui a mudança diz respeito ao produtor, mas também ao consumidor. Depois das máquinas a vapor e dos motores elétricos, vêm os computadores, sempre menores, mais rápidos e com memórias fabulosas. É claro que essas novas tecnologias já têm, e terão, grande impacto em todos os setores. A *digitalização* introduz a informática em todos os campos. Estamos vivendo o que se chamou, de maneira errada, a “terceira revolução industrial”. Seria mais exato falar de “revolução informática”. Quem controla a revolução digital controla em parte o mercado do futuro; 500 grandes grupos tecnofinanceiros dominam já 50% do mercado internacional. Para sobreviver nesta guerra sem piedade, grandes empresas fusionam, deixando a mão de obra sem defesa.

Em muitos países, amplia-se o acesso de muitos a aparelhos da “linha branca” (máquinas elétricas para lavar a roupa ou a louça, geladeiras, congeladores, micro-ondas, fornos e outros) para facilitar a vida na casa. Essas máquinas, com um ciclo de uso curto, são construídas em grandes fábricas, com uma mão de obra reduzida por causa da automatização.

É no campo dos *aparelhos eletrônicos de comunicação* que a mudança é maior. Pequenos produtos eletrônicos sempre novos invadem o mercado. Há chips por todo canto. Cada pessoa tem seu celular. Segundo a ONU, em 2010, no mundo, havia 5,1 bilhões de celulares (sem contar os novos Iphone, Ipad), com sempre mais recursos técnicos. O desenvolvimento da tecnologia digital é contínua. Num só celular podemos encontrar fone, câmera fotográfica, filmadora, internet, TV, Global Positioning System (GPS) etc. Há uma multidão de canais e programas de TV, com imagens maravilhosas sobre grandes telas (TV LCD, TV de plasma), as máquinas fotográficas e câmeras digitais, diretamente ligadas aos computadores, aparelhos de som etc. Novas

2. LESTIENNE, Bernard. O trabalho, chave da questão social. In: COMISSÃO EPISCOPAL Pastoral para o Serviço da Caridade, da Justiça e da Paz. *Temas da Doutrina Social da Igreja*. Brasília: CNBB, 2006. Caderno 2.

linguagens acompanham os novos aparelhos: internet, blog, Orkut, Facebook, Twitter e outros crescem com rapidez ao redor da eletrônica. É provável que, com a popularização da 3D, sejam lançados mais e mais pequenos aparelhos no mercado. Os jovens, em particular (parecem já ter nascido com uma “cultura informática”), utilizam esses imensos recursos técnicos para se expressar e comunicar entre si e com a sociedade.

É certo que essa *invasão eletrônica das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC)* afeta o trabalho. As condições de trabalho nas fábricas, com milhares de jovens – mulheres em geral – para a montagem desses aparelhinhos, em boa parte na Ásia, são muitas vezes péssimas, às vezes próximas da escravidão.

Esses aparelhinhos – os mais simples – são acessíveis para a maioria da população, podem facilitar novas relações sociais positivas. O desempregado que tem um celular provavelmente tem mais chance de reencontrar um trabalho. Pode mais facilmente estabelecer os contatos necessários, pode contar com o apoio dos amigos. Estamos numa sociedade do *conhecimento* e da *informação*; e também da *comunicação*! As tecnologias da comunicação e informação aumentam as possibilidades de auto-organização e automobilização. Quantos grupos de jovens (e menos jovens) estão gravando seu CD de música ou teatro, montando um filme (e não “filmezinho”)! Esses aparelhos, quando bem utilizados, facilitam a *criação de redes sociais* que tornam mais fácil a integração social.

As *ciências da vida*, muito especializadas, nos prometem grandes modificações nos seres vivos – incluindo aí os seres humanos – pelas transformações genéticas para um futuro *melhor* (dizem as grandes empresas), mas *incerto* (dizem os adversários dos Organismos Geneticamente Modificados [OGMs]).

A multiplicação e diversificação dos serviços refletem o *parcelamento crescente* da sociedade. Surgem serviços de todo tipo (pessoais, grupais ou comunitários), em todas as áreas: saúde, educação, cuidado das crianças ou das pessoas idosas,

turismo, artes, comércio, transporte, alimentação, limpeza etc. O setor “turismo e lazer” cresce rapidamente. A *atenção ao cliente*, essencial nos serviços, requer qualidades de paciência, de bom humor e uma boa capacidade de adaptação. Muitas vezes, por causa do estresse, o trabalho/serviço é mais cansativo do que o trabalho/indústria. Frequentemente, os computadores – magníficas máquinas! – são utilizados não para aliviar o trabalho, mas para aumentar a produtividade. Ontem as máquinas estavam a serviço do homem; hoje o homem está a serviço da máquina.

Outra tendência irreversível é o aumento do *trabalho feminino*, muitas vezes pouco qualificado, mesmo se aos poucos não há campo de trabalho reservado aos homens (por exemplo: o caso, entre outros, da presidente do Brasil, Dilma), mas as evoluções são lentas. A mão de obra feminina trabalha, sobretudo, nos serviços públicos ou particulares pouco qualificados. Há imensas fábricas que reagrupam milhares de mulheres, que trabalham em condições péssimas. O mais das vezes, as mulheres trabalham, em grande parte, nos serviços (educação, saúde, comércio, artes, lazer, turismo) que muito se desenvolveram. Quando podem, algumas mulheres preferem trabalhar em casa para articular mais facilmente o trabalho profissional com o doméstico.

Muitas vezes, no seu trabalho, são ainda *mais exploradas* que os homens. No Brasil, recebem em média 30% a menos que os homens para o mesmo trabalho. Há uma concorrência não explícita entre homens e mulheres para os mesmos postos de trabalho. O fato de que numerosas *profissões se feminizam* não significa que a igualdade seja estabelecida.

Recentemente, e de maneira acelerada, passou a crescer a *rivalidade Norte-Sul*. A concorrência se torna mundial. Os países do Sul têm a vantagem comparada de uma mão de obra muito mais barata que nos países mais ricos. A China, por exemplo, invade os mercados com seus produtos de baixa qualidade, pagando “salários para sobreviver apenas” e impondo jornadas de trabalho desmedidas. A resposta do Norte é *aumentar a produtividade*, automatizando e dispensando a mão de obra, reduzindo os salários, desviando a

aplicação dos direitos sociais. Trabalhadores e sindicatos no Norte temem, acima de tudo, as deslocações de suas fábricas para o Sul. Os países emergentes (no total, mais ou menos trinta) já conquistaram a metade do mercado mundial.

Infelizmente, neste clima de “guerra econômica mundial” os países “menos desenvolvidos” (os mais pobres) recebem apenas as migalhas que caem da mesa do confronto entre ricos e emergentes. Não têm acesso ao mercado mundial. Na realidade, estão fora do “jogo”.

O tema da *sustentabilidade* é relativamente novo e já aparece como um ponto central na reflexão sobre o trabalho. Como harmonizar os dois objetivos: o desenvolvimento econômico e a preservação ambiental? *A sustentabilidade é uma maneira responsável de produzir e consumir.* O nosso planeta está bem doente e precisa de cuidados especiais. As atividades humanas são responsáveis pelo aquecimento global, o qual poderia levar a um colapso mundial.

A implantação do sistema industrial de produção [e distribuição] de bens e consumo compulsivo, inclusive de *produtos superfluos*, intensificou a extração de materiais da natureza e ocasionou profundas transformações na face do planeta (Campanha da Fraternidade da CNBB 2011: Fraternidade e a Vida no Planeta. “A criação geme em dores de parto” [Rm 8,22], 1.3, n. 25).

O consumo cresce de maneira frenética e incontrolável. O uso da água aumentou e hoje atinge 800m³ *per capita* ao ano (70% na agricultura, 20% na indústria, 10% nos domicílios). O desflorestamento é considerado o segundo fator das mudanças climáticas. A terra tem a capacidade de produzir alimentação para toda a humanidade, no entanto 1,1 bilhão de pessoas sofre com fome. É uma grave contradição. É a mesma lógica à base da *exploração dos trabalhadores* e à base da *exploração das riquezas da terra*. Se um empregador trata bem seus empregados, é muito provável que tenha uma boa preocupação ecológica.

Houve grandes avanços na consciência do risco de colapso ecológico planetário. Para superar a grave situação, há de se

buscar e encontrar *um novo paradigma* centrado no respeito da vida, nos direitos humanos e nas relações com os outros, com a natureza e com o “mistério”, e não apenas no lucro, como é no presente. As nossas representações do trabalho hão de evoluir para deixar experimentar novas formas de trabalho que nos salvem dos perigos e da catástrofe. Já existem múltiplas experimentações de formas alternativas, como veremos a seguir.

Governos, instâncias internacionais, setores das sociedades civis procuram “remédios baratos”. Mas *não há solução fácil*. Somos desafiados a buscar, encontrar e construir uma alternativa ao modelo de consumo desenfreado individualista. O trabalho não pode ser primeiro voltado para conseguir maiores lucros, senão para responder com parcimônia às *necessidades básicas* para que todos os homens possam viver dignamente, respeitando a natureza.

A crise

Nunca a palavra “crise” foi tão utilizada, em todos os campos, como nos últimos anos. Isso deve corresponder a algo novo. O *trabalho sempre mais precário* e a aceleração da *crise ambiental* são duas dimensões centrais da crise atual, global, civilizacional.

No começo, a crise foi focada no aspecto financeiro. O afã do lucro levou bancos nos EUA a especular sem limite. Com a falência de alguns bancos – começando pela Lehman Brothers em setembro de 2008 – o sistema financeiro foi desestabilizado. Endividando-se, os governos emprestaram *montanhas de dinheiro aos bancos*, para salvar o sistema de uma bancarrota geral. Aos poucos, ficou mais claro que a crise estava muito mais geral, atingindo todos os setores da sociedade.

O verdadeiro *desafio para o capitalismo* não é mais a luta de classe, mas o esgotamento de um modelo depredador da natureza e excludente que ameaça o futuro do planeta. O desafio é imenso e diz respeito a toda a sociedade: *mudar de paradigma*, de modo de viver, de valores, de hábitos, do

trabalho mesmo, de costumes, de modos de nos relacionarmos com os outros. Já é tempo de simplificar os nossos modos de viver e redescobrir formas de nos relacionar em verdade com os outros, com a natureza e com Deus.

O *modelo atual de desenvolvimento está esgotado*, falido. Deixa à beira do caminho da vida boa parte da população. Divide e cria categorias sociais em função do consumo de cada um. Tudo se torna mercadoria, “tudo se vende, todo se compra”. Até os bens universais, que são de todos, se tornam mercadorias (água, terra, vida, ar). O consumismo geral gera o materialismo e o individualismo. Carros e instrumentos de comunicação podem ser modos de isolamento, de auto-fechamento. Alguns cidadãos são “conectados”; outros, “desconectados”.

A crise não é apenas financeira e econômica; ela é *ética e cultural*. Os tradicionais valores de altruísmo, de solidariedade, de partilha, de gratuidade, equidade e justiça, de honestidade, de fidelidade, companheirismo e trabalho benfeito são mais raros, às vezes desprestigiados. Mas é bom ver as muitas formas de resistência e reação de muitos(as) que não querem ser engolidos pelo modelo capitalista.

Impactos das transformações e da crise no mundo do trabalho

O mundo do trabalho é amplo e diversificado, em transformação contínua. Apenas podemos indicar algumas *evoluções gerais*. O impacto das novas tecnologias nos modos de produção é considerável. As *máquinas* substituem os homens. Tudo o que pode ser *digitalizado* o é, tanto nos serviços como na indústria. O setor dos bancos é um bom exemplo de automatização generalizada: apesar de enormes lucros, os bancos reduzem o número de empregados e, quando contratam, escolhem gente bastante qualificada.

Para os(as) trabalhadores(as), o pior efeito da crise é o *aumento do desemprego*, em particular nos países desenvolvidos. A Organização Internacional do Trabalho (OIT) estima que, durante o primeiro ano (2009), a crise gerou

mais de vinte milhões de novos desempregados. Mesmo no Brasil, onde a taxa de desemprego diminuiu sensivelmente (quinze milhões de empregos foram criados durante os oito anos de Lula presidente), a situação é frágil. A Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal) mostra, no anuário de 2011, como, *no conjunto da América Latina, a instabilidade aumentou*. O emprego vai demorar a se recuperar nos países ricos.

Todos os trabalhadores, até os em cargos de chefia, têm medo de perder o seu emprego. *Os colegas e companheiros de ontem se tornam rivais hoje*. A solidariedade e as lutas para defender os direitos conquistados se tornam mais raras. É dramática a situação dos *jovens sem trabalho*. Na América Latina e em muitos países, houve uma melhoria na primeira década do século XXI, mas os avanços foram apagados pela crise. Mesmo no Brasil, onde a taxa de desemprego diminuiu sensivelmente, a situação é muito delicada. O desemprego estrutural, de longa duração, aumenta.

Depois da máquina a vapor e do motor elétrico, entramos na sociedade do conhecimento e da informação, na “cultura informacional”. O trabalho material vem sendo substituído pelo *trabalho imaterial*, virtual, junto dos teclados e das telas dos computadores. Muitos trabalhadores não conseguem acompanhar essas evoluções rápidas e profundas, perdem sua qualificação e emprego. *Sobrevivem como vendedores nas ruas, ou fazendo biscates*. Paradoxalmente, enquanto tantos ficam sem trabalho, falta mão de obra qualificada. Na maioria dos casos, as novas tecnologias *não melhoram as condições de trabalho*. Ontem era a máquina a serviço do trabalhador, hoje é o trabalhador a serviço da máquina.

O que está em crise é a sociedade organizada apenas a partir do trabalho, do acesso ao mercado. Acabou a sociedade do *pleno emprego*. A crise aumentou o número de desempregados, em particular nos países industrializados. Há mais trabalhadores sem trabalho, ou trabalhando em condições muito precárias, sem proteção social nenhuma, do que trabalhadores com estabilidade. Como a sociedade capitalista é toda organizada em função do dinheiro, os desempregados,

os que não têm recursos financeiros, são excluídos, são considerados *inúteis*.

Diante da violência do mercado do trabalho, um número crescente de trabalhadores(as) vai optando por *outra visão do trabalho*. Abre-se um vasto campo de iniciativas o mais diversas. É uma economia a serviço das necessidades do povo. O centro da economia é o homem, a comunidade, não o lucro. A organização do trabalho se estabelece de maneira horizontal – valores de igualdade, de justiça, de solidariedade, de abertura à diversidade, de respeito e cuidado amoroso da pessoa humana e da natureza, de amizade – em oposição à concepção vertical, autoritária e excludente do trabalho no sistema capitalista. Pelo seu jeito simples de viver, este setor é aquele que melhor responde aos desafios ambientais que já consideramos. É todo o setor das *cooperativas*, das associações, da *economia popular solidária*, das microempresas familiares, grupos e outras formas de produção, dos microcréditos, da economia do dom, do consumo responsável. São milhares e milhares de iniciativas, o mais diversas, criativas e corajosas de revalorização do trabalho. Estima-se que no Brasil há mais de quinze mil experiências alternativas, muito diferentes, nas quais trabalham mais de três milhões de homens e mulheres. É um setor com grandes potencialidades de se estender nos vários setores da sociedade. Movimentos sociais e populares, grupos de cidadãos e ONGs promovem experiências alternativas. É um imenso canteiro de obras não só para os governos, mas para toda a sociedade.

Nesse espírito do setor alternativo, é preciso *construir uma nova concepção do trabalho e da sociedade* que não seja ancorada no dinheiro, que supere as visões apenas econômicas do trabalho que dividem a sociedade entre os que têm dinheiro – e poder – e os que não têm, entre os “*in*” e os “*out*”, entre os conectados e os desconectados.

Que acontece com as *imensas riquezas produzidas pelos avanços da produtividade*? A livre circulação, sem controle, do capital enriquece os ricos e empobrece os pobres. Qual futuro para uma sociedade toda organizada a partir do trabalho e dos salários quando o trabalho falta, as

desigualdades estruturais aumentam e os jovens não têm acesso ao mercado do trabalho? Todos os cidadãos, prioritariamente os desempregados, têm direito a uma renda suficiente que lhes permita viver com dignidade. Mais: essa ajuda da sociedade ainda não é suficiente. O que os desempregados pedem não é só poder viver dignamente, mas ser reconhecidos como pessoas, úteis para a sociedade, não sempre assistidos. A criação de trabalho (e não só de empregos) continua como desafio constante, em particular no campo ecológico.

A crise da sociedade salarial, do emprego é uma ótima oportunidade para se pensar, debater e avançar em propostas que contribuam para outro paradigma civilizacional, que tenha como referência a organização social do trabalho na perspectiva da inclusão social.³

Trata-se de desenvolver e fortalecer um novo paradigma do trabalho, que chamamos de “trabalho social”, alternativo ao modelo capitalista embutido nos contratos de emprego. O trabalho social promove a integração, a ajuda mútua e a corresponsabilidade.

Conclusão

À guisa de conclusão, apresentamos muito brevemente alguns princípios centrais da DSI que são referência, explícita ou implícita, para qualquer análise cristã sobre o mundo do trabalho atual. Consideraremos em seguida algumas reflexões em distintos campos, em plena (r)evolução, nos quais a reflexão e as iniciativas podem e devem florescer.

A Doutrina Social da Igreja, elaborada pelo Magistério, é construída sobre alguns sólidos princípios que nascem do encontro entre a vida cristã e a Boa-Nova de Jesus Cristo. A tradição da DSI sobre o trabalho é muito rica. Entre outros princípios centrais, podemos destacar:

- 1) *A dignidade* essencial da pessoa humana por ser filha de Deus.

3. COMISSÃO EPISCOPAL Pastoral para o Serviço da Caridade, da Justiça e da Paz. *Em busca dos Sinais dos Tempos. Reflexão crítica sobre a história dos dias atuais*. Brasília: Ed. CNBB, 2010. p. 34.

- 2) *O bem comum* como justa redistribuição das riquezas, que permita a cada pessoa e família viver com dignidade.
- 3) Do casamento entre respeito da pessoa e a busca do bem comum nascem a *solidariedade* e o próprio *respeito da natureza* ameaçada de morte.
- 4) *A opção pelos pobres* ilumina a força e autenticidade da DSI e do Evangelho.
- 5) Feito pelo homem, o trabalho é *mais importante que o capital*; este é apenas instrumento para o trabalho.
- 6) O direito à *propriedade privada* é subordinado ao direito de todos de ter acesso aos bens.
- 7) Os “*corpus*” *intermediários* (sindicatos, associações, movimentos sociais e populares etc.) são as indispensáveis mediações pelas quais os princípios são traduzidos no concreto da vida de cada dia.

1. Nos últimos trinta anos, a relação Norte-Sul se transformou muito, em particular com o despertar dos *países emergentes*. As economias vivem um processo de globalização. Caem as fronteiras; o mercado é mundial, dominado por um grupo limitado de empresas transnacionais “todo-poderosas”. A concorrência e a competição entre países ou regiões se tornam mais duras. Há milhares de *acordos comerciais*, bilaterais ou multilaterais, que determinam em boa parte o nosso futuro.

2. Cresce a consciência da gravidade da situação no *campo ambiental*. A sustentabilidade é, hoje, uma prioridade que modifica profundamente a natureza e o sentido do trabalho. Multiplicam-se experiências de trabalho alternativas solidárias, cujo objetivo é responder às necessidades dos povos e não auferir mais e mais lucros conforme a lógica capitalista. A questão ambiental pode ser uma oportunidade para pensar *qual mundo* queremos oferecer a nossos(as) filhos(as)? O atual modelo predominante não dá conta do tamanho dos desafios.

3. No campo das *novas tecnologias*, as transformações são também imensas e rapidíssimas. Dizem respeito a todos os campos do trabalho. O mercado do trabalho requer uma mão de obra sempre mais qualificada. Que acontecerá com os desempregados, em particular com os jovens *sem trabalho*?

Há de gritar que o trabalho é um direito humano essencial, fundador, para a realização pessoal e a inserção social. A situação dos jovens sem trabalho é um *drama mundial*. As Igrejas têm combatido com todas as suas forças contra esta situação inaceitável? As novas tecnologias oferecem magníficos recursos, e podem mudar sensivelmente a qualidade de vida de muitas pessoas. Mas o uso delas é monopolizado por grandes grupos detentores do capital.

4. A *automatização* geral e a flexibilização ameaçam o futuro do trabalho. Criam *isolamento e individualismo*. O número de vítimas do estresse aumenta. As condições de trabalho mudaram muito. Ao mesmo tempo, as múltiplas *tecnologias da comunicação* oferecem novas possibilidades de partilha, de criação e inserção social.

5. O nosso mundo está em crise, *em crise permanente*. A crise não é só financeira e econômica, mas global, cultural e ética, “civilizacional”, dizem alguns analistas. Vivemos trinta anos de *desregulação* e *desestruturação* da sociedade, de todo centrada no trabalho (mais exatamente, na relação capitalista que é o emprego). É essa sociedade individualista, materialista, depredadora – às antípodas dos valores do Reino –, que está em crise. A Igreja pode contribuir muito para reconstruir os caminhos e valores de justiça, de fraternidade, de coragem. O risco é que vivamos em crise permanente, pois são os mais pobres que mais sofrem.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. De acordo com a sua opinião, qual é a importância do trabalho na vida das pessoas e no funcionamento da sociedade?
2. Que crise é essa da qual tanto se fala e quais as consequências para o mundo do trabalho?
3. O que podem e devem fazer a Igreja e a Vida Religiosa de maneira particular nesta situação?